

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
Programa de Pós- Graduação em Psicologia
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO ANTE A
PRECARIZAÇÃO LABORAL: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DOS
TRABALHADORES AUTÔNOMOS DO SETOR DE TURISMO NA
CIDADE DE FORTALEZA**

Autora: Gláucia Rebeca Teixeira de Oliveira Pontes

Professor orientador: Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino

Fortaleza, CE
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

Programa de Pós- Graduação em Psicologia

**ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO ANTE A PRECARIZAÇÃO
LABORAL: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DOS TRABALHADORES
AUTÔNOMOS DO SETOR DE TURISMO NA CIDADE DE
FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Ceará como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

FORTALEZA, CE
2007

Data da Aprovação: 20/08/2007

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino
(Orientador)**

**Prof. Pós - Dr. Antonio Caubi Ribeiro Tupinambá
1º. Membro**

**Prof. Dra. Hilda Coutinho de Oliveira
2º. Membro**

A Deus, pela força e proteção de todos os dias, conduzindo-me na realização deste mestrado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cássio Aquino, pela forma que expressou o que é ensinar, com leveza, fluidez, força e determinação. Com sabedoria sempre soube respeitar o ritmo natural do tempo.

Aos meus pais, Emilson e Alaíde, por sempre acreditarem em mim.

Aos meus filhos, Caio Júlio e João Victor, pela constante alegria que me proporcionam, com sua energia e amor, a cada dia da minha vida.

Ao meu marido, César, pela ajuda, amizade e paciência durante esse período.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino, pela orientação, dedicação, comprometimento, ética, paciência e seriedade demonstrados durante todo o trajeto do mestrado e a este estudo em especial.

Aos professores doutores Caubi Tupinambá e Hilda Coutinho, por suas participações na banca e pelas valiosas contribuições.

Ao professores e colegas do curso de mestrado, que direta ou indiretamente, contribuíram para reflexões e amadurecimento nessa caminhada.

Ao professor doutor Clerton Martins, pelo incentivo nos momentos de dúvidas no universo acadêmico.

A Maria Helena Pacheco, minha analista, pelo seu apoio, que ajudou no fortalecimento contínuo dos meus recursos pessoais nas fases mais difíceis no percurso deste trabalho.

A Alexcydna, pela colaboração na tradução do resumo.

A Patrícia Rocha, minha cunhada, pela compreensão em ajudar-me a cuidar dos meus filhos, com carinho, nos muitos momentos em que precisei me ausentar para execução deste trabalho.

À FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa que me foi concedida, pois em muito contribuiu para um melhor aproveitamento do período dedicado ao mestrado.

Ao professor Vianney de Mesquita, docente da Universidade Federal do Ceará e acadêmico titular da Academia Cearense de Língua Portuguesa, pela presteza na revisão gramatical e estilística deste texto.

Em especial aos participantes da pesquisa, operadores de transporte de turismo da avenida Beira – Mar, em Fortaleza, pelas contribuições, confiança, disponibilidade e boa vontade de participar do estudo.

RESUMO

Este estudo procurou evidenciar o processo de precarização laboral, pelo qual passam os profissionais autônomos do setor de turismo na cidade de Fortaleza - operadores de transporte de turismo - e a relação deste com o estresse no trabalho, dando atenção às estratégias de *coping* (enfrentamento) que estes profissionais estão utilizando no desempenho de suas atividades. A reflexão tem por base o referencial teórico da Psicologia Social, juntamente com as teorias do estresse, em sua articulação com os aspectos sócio-históricos envolvidos no fenômeno. Metodologicamente, utilizamos a abordagem qualitativa, reconhecendo a relevância para o objetivo da análise. O estudo foi dividido em dois momentos, o primeiro, tendo sido utilizado o Inventário de Sintomas de Stress para Adulto de Lipp (2000) – ISSL, visando à identificação do nível de estresse dos respondentes. Participaram desta etapa 15 trabalhadores. A análise dos dados foi realizada conforme critérios de correção do inventário. Na segunda parte, empregou-se a entrevista, das quais participaram sete trabalhadores, valendo como critério de escolha aqueles que apresentaram estresse em seus inventários. A análise do material qualitativo se deu por meio da análise de conteúdo.

A articulação entre a precarização e o desenvolvimento de estratégias de *coping* identificadas com o grupo trabalhado ressalta a necessidade de um aprofundamento da análise dos efeitos da profunda transformação da realidade laboral sobre os trabalhadores.

ABSTRACT

This study objectifies to evince the process of precarization of labor that autonomous workers from the tourism sector— operators of transport and tourism - in the city of Fortaleza face and their relation with stress at work, emphasizing the coping strategies these professionals are using in the execution of their activities. Our reflection is based on the theoretical referential of Social Psychology, together with stress theories in articulation with socio-historical aspects involved in the phenomena. Methodologically, we used a qualitative approach, recognizing the relevance for the object of analysis. The study was divided in two moments: in the first, it was used the Inventory of Stress Symptoms for Adults by Lipp (2000) –ISSL, aiming the identification of the level of stress in the respondents. 15 workers took part in this stage. The data analysis was carried out according to the correction criteria of the inventory. In the second part, we used the interview. 7 workers participated and the criterion of choice was those who presented stress in their inventories. The analysis of the qualitative material was done through content analysis.

The articulation between the precarization process and the development of coping strategies identified in the group studied highlights the necessity to deepen the analysis of the effects of intense transformation of labor reality on the workers.

SUMÁRIO

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 :	Números do mercado informal no Ceará	20
Tabela 2:	Características sociodemográficas do grupo	61
Tabela 3:	Presença de estresse	70
Tabela 4:	Participantes com e sem estresse por fase.....	71
Tabela 5:	Presença de estresse, segundo a fase e a sintomatologia, de acordo com o perfil sociodemográfico	72
Quadro 1:	Temas e questões	67
Quadro 2:	Categorias e indicadores	73
INTRODUÇÃO		12
2 A REMODELAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO		16
2.1 A intensificação do mercado informal		18
2.2 A pseudo-liberdade do profissional autônomo		25
2.3 A fluidez do trabalho na informalidade: o fenômeno do profissional autônomo		29
2.4 Possibilidades de um novo cenário para o trabalhador autônomo		32
3 ESTRESSE E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO LABORAL		35
3.1 O percurso conceitual do estresse		36
3.2 Estresse no contexto laboral		40

3.3. <i>Copig</i>	47
3.3.1 Introdução	47
3.3.2 Modelos de <i>coping</i> (enfrentamento)	50
3.3.3 Estratégias de <i>coping</i> segundo modelo de Lazarus e Folkman (1986)	53
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
4.1 Participantes	58
4.2 Local	62
4.3 Instrumentos	63
4.4 Procedimentos para coleta de dados	63
4.5 Procedimento para análise dos resultados	68
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	70
5.1 Análise dos Inventários	70
5.2 Análise das Entrevistas	73
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
APÊNDICE	
Instrumento – roteiro de entrevista	114

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 :	Números do mercado informal no Ceará	20
Tabela 2:	Características sociodemográficas do grupo	61
Tabela 3:	Presença de estresse	70
Tabela 4:	Participantes com e sem estresse por fase.....	71
Tabela 5:	Presença de estresse, segundo a fase e a sintomatologia, de acordo com o perfil sociodemográfico	72
Quadro 1:	Temas e questões	67
Quadro 2:	Categorias e indicadores	73

INTRODUÇÃO

Este trabalho abordou alguns aspectos das mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho e que podem contribuir como fontes de estresse para o trabalhador. Dentro desse recorte tentamos analisar como os profissionais autônomos lidam com a atual realidade, ou seja, quais as estratégias de *coping*¹ (enfrentamento) utilizadas por estes.

Podemos observar, através dos estudos realizados, que muitas são as transformações que impactam no mundo do trabalho, marcado por uma globalização desequilibrada, pela reestruturação produtiva e conseqüentemente a precarização do trabalho. Estes são apenas alguns fatores que interferem diretamente no bem-estar físico e na saúde mental do trabalhador.

Antunes (2003) procura indicar que não há uma tendência generalizante quando se analisa o mundo do trabalho e sim uma processualidade contraditória e multiforme. Nesse contexto agravam-se as condições de indeterminação do mercado de trabalho, pois se, por um lado, se constata um processo de intelectualização do trabalho manual, por outro, contraditoriamente, há desqualificação e subproletarização presentes no trabalho precário, informal, temporário e parcial.

O interesse em realizar a atual pesquisa surgiu da vivência de doze anos em contato direto com a realidade do trabalho informal, juntamente com estudos da literatura acerca das transformações do mundo do trabalho, no qual balizaram o início de uma visão crítica do momento pelo qual os trabalhadores passam no contexto informal.

¹ *Coping* é concebido como um conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas / enfrentamento.

Estando diante da realidade brasileira, com todas as particularidades de um país em desenvolvimento e tendo como uma de suas singularidades o não-atingimento do pleno emprego tal como experimentado na realidade dos países do “Primeiro Mundo” podemos, no regime capitalista, ressaltar que a precarização amplamente discutida na contemporaneidade, talvez tenha chegado mais cedo na nossa realidade, pois já carregamos as “marcas” de uma precarização, mesmo que com outra roupagem, há algumas décadas.

Nesse decurso de mudanças no mundo do trabalho, a acumulação flexível trouxe amplo movimento do setor de serviços. Diante dessa realidade, a escolha pelo setor de turismo para realização da pesquisa se deu pela crescente importância que essa indústria vem tendo no Brasil, mais especificamente tem o desenvolvimento do Ceará. Este setor, que se caracteriza como gerador de trabalho na sociedade pós-industrial, impulsionando o engajamento de vários tipos de profissionais, de forma destacada os trabalhadores informais (autônomos) . Nosso pressuposto era encontrar nessa realidade de trabalho vivenciada por estes profissionais um recorte da precarização laboral, e que traria como uma de suas conseqüências fatores constituintes de estresse.

Dentro do setor de turismo, optamos pelos profissionais de transporte de turistas, por ser uma categoria representativa do mercado informal, desse modo, tendo como acompanhar as mudanças no mundo do trabalho e sua de precarização .

Apontamos que essa área dentro do setor de turismo ainda é pouco investigada, mas que segue sendo difundida, mediante “discurso oficial”, como potencialmente viabilizadora de alternativa de trabalho.

Objetivamos no presente estudo identificar o processo de precarização laboral e, desde então reconhecer as estratégias de *coping* (enfrentamento)

utilizadas pelos profissionais autônomos da área de transporte de turismo, no desempenho de suas atividades. Nosso procedimento obedeceu a: (a) averiguação da existência de estresse dos profissionais autônomos, no exercício do seu trabalho; (b) investigação dos fatores que causam/levam ao estresse no contexto laboral desses profissionais; e (c) identificação das várias formas de *coping* (enfrentamento) e análise e associação dessas formas à precarização laboral .

Nesse contexto de mudanças, apontamos no segundo capítulo algumas evidências do crescimento acelerado da economia informal e, conseqüentemente, a ampliação e uma nova configuração da categoria de profissional autônomo. Nesse mercado, assinalado por instabilidade, insegurança e inconstância, o Estado cada vez mais se esquia de uma responsabilidade pelo fenômeno como um todo e, de maneira mais específica, pelo trabalhador. Este, por sua vez, tende a se encontrar num vazio, marginalizado, ou seja, completamente isolado e desvinculado de todos os “direitos” adquiridos – durante o auge da sociedade salarial - (temporariamente) como trabalhador formal.

Nosso intuito é tentar focar luzes para o desenvolvimento de um paralelo entre a contemporaneidade do mundo do trabalho, a idealização desse profissional autônomo e o modo de produção capitalista em sua lógica falaciosa, de modo empírico e teórico.

No terceiro segmento, apresentamos uma discussão sobre o estresse e suas implicações para o trabalhador, seguido de uma exposição teórica inicial sobre o *coping* (enfrentamento), tendo por objetivo sedimentar teoricamente o trabalho e assim analisar mais detidamente os objetivos propostos pela pesquisa. Tencionamos, a princípio, identificar quais as estratégias de *coping* utilizadas pelos profissionais autônomos contemporâneos, no setor de turismo. Apesar das diversidades no mundo do trabalho informal, recheado de

inseguranças e instabilidades, produzindo, assim, o estresse, alguns profissionais apresentam bons resultados em termos comportamentais e de sucesso em seus empreendimentos, demonstrando conduta adaptativa. Entre os fatores que viabilizam essa adaptação, atuando como elemento de proteção, encontra-se o *coping* (ANTONIAZZI et al, 1998).

No quarto módulo, apresentamos o procedimento metodológico no qual tratamos do método utilizado, demonstramos o perfil sociodemográfico dos participantes do estudo, local onde foi realizado, instrumentos e materiais usados, em seguida explicitamos o procedimento da coleta dos dados e o tratamento dado ao material obtido.

No quinto capítulo expomos os resultados obtidos pelo estudo, sua análise e discussão, tentando, sempre que possível, fazer pontes com o corpo teórico do presente trabalho, exposto em capítulos anteriores.

E por fim, as considerações finais sobre o estudo – capítulo seis - limitações, contribuições e prospecções para o embasamento de novas pesquisas.

2 A REMODELAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO

Recorrendo à literatura sobre o tema, autores como Antunes (2003), Harvey (2002), Costa (2005) e Alves (2005) constata-se que as transformações no mundo do trabalho são indissociáveis do sistema econômico, o que não seria diferente nas sociedades capitalistas. Deste modo, trataremos como reflexão algumas alterações ocorridas nas duas últimas décadas, na dinâmica do capitalismo, com o objetivo de debater o trabalho na contemporaneidade. Buscamos ainda indicar alguns elementos que achamos ter maior relevância para essas mudanças.

Com o início da globalização e tendo como pano de fundo as políticas neoliberais, podemos falar da reestruturação produtiva e suas inúmeras mudanças vinculadas aos processos de trabalho, hábitos de consumo, práticas do Estado, nas mudanças econômicas e políticas do capitalismo no final do século XX. É interessante deixar claro que as regras essenciais do modo capitalista de produção permanecem operando como cerne do desenvolvimento histórico-geográfico. Podemos destacar o fato de que a força de trabalho é a mercadoria, isto é, o ponto fundamental do modo de produção, e é por seu intermédio que ocorrem a mais-valia e a acumulação de capital. Eis a essência do sistema capitalista – a produção de mais-valia.

A modernização toma dimensões perversas, trazendo uma crise social que interfere em diversos aspectos, dentre estes o desemprego, a precarização laboral e a vulnerabilidade social, formas variadas de violência atreladas ao trabalho. Podemos destacar como um dos pontos fundamentais dessas modificações a passagem do fordismo ao toyotismo. Na contemporaneidade, novos processos de trabalho surgiram como “substituição” da produção em série e de massa, concebidos como a flexibilização da produção.

No curso da reestruturação produtiva, muitas transformações ocorreram com a classe trabalhadora. Neste contexto de mudança tecnológica, a automação, a procura incessante de novos produtos e nichos de mercado, a aceleração do tempo de giro do capital e a elasticidade geográfica para áreas de controle de trabalho mais eficazes podem ser apontadas como algumas características que delineiam a transformação. De modo mais específico dentre as mudanças geradas para a classe trabalhadora, podemos frisar que, durante o período regido pelo fordismo, o pleno emprego tinha papel constituinte, essencial, desempenhava função importante neste contexto. Podemos dizer que havia uma espécie de reciprocidade. Já com o surgimento e expansão da acumulação flexível, tal ponto deixa de ser essencial, propiciando um desajuste de mão-de-obra demandada em relação à população economicamente ativa, levando, pelo efeito cascata, à possibilidade do desemprego estrutural seguir rumos e proporções maiores.

Para Harvey (2002, p.136) a acumulação flexível é “marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo . Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo”. Com relação às transformações dos vínculos laborais tradicionais, observa-se um encaminhamento para a ampliação de novos vínculos de trabalho, assim como a completa falta de vínculos, característica do mercado informal, e ainda do trabalho autônomo. A acumulação flexível trouxe amplo movimento do chamado “setor de serviços”. Para Antunes (2003, p. 55), há um crescimento acelerado nas sociedades ocidentais, do setor terciário, isto é, do setor de serviços, porém não se trata de um setor com acumulação flexível de capital autônomo, “pois continua na dependência da acumulação industrial, sendo assim depende da capacidade de realizar mais-valia nos mercados mundiais”. Salm, citado por Costa (2005), mostra que, em meados dos anos 1990, mais de 1 milhão de empregos “desapareceram” na indústria de transformação, tendo desse modo ampla parcela de seus trabalhadores caminhado para a informalidade e outros se deslocaram para o setor de

serviço, onde a heterogeneidade das condições de trabalho é ainda maior, predominando a precarização.

Nas duas últimas décadas, o desemprego estrutural aumentou de modo jamais visto nos países capitalistas. O trabalho organizado nos moldes industriais foi arruinado. Desse modo, o individualismo exagerado encontrou condições sociais adequadas entre tantos outros efeitos negativos. Percebe-se que os vínculos formais de trabalho estão cada vez mais fluídos, contribuindo para que o trabalhador sinta a presença constante da possibilidade do desemprego, reforçando, assim, a caminhada para trabalhos em condições precárias, muitas vezes no mercado informal, sem nenhuma garantia e à margem de todos os benefícios sociais. Podemos dizer que o trabalho autônomo passou a ser, para uma parcela significativa, destino dos eliminados na expansão capitalista.

As transformações levam ao surgimento de outro modelo de representação laboral, ou seja, um movimento de acentuação da informalidade.

2.1 A intensificação do mercado informal

A intensificação do mercado informal insere-se em um período que tem como marca o desemprego estrutural, ou seja, coincide com a desaceleração do emprego formal. O trabalho informal parece surgir como “alternativa” para os trabalhadores ante essa realidade. Marx (1971) já discutia em *O Capital* sobre “diversas formas de existência da população relativamente excedente”, ressaltando que se tratava da mão-de-obra que temporariamente excedia a necessidade das empresas, não no sentido de que esta era desnecessária para a economia como um todo. Ele denomina esta população de categoria “estagnada” economicamente ativa, todavia em ocupações totalmente

irregulares, tendo como característica um intenso período de trabalho e o mínimo de remuneração. Pode-se dizer que a contemporaneidade atualizou essa referência de Marx e a expandiu, ocupando lugar de destaque como forma de inserção laboral. Atualmente, podemos dizer que observamos a existência desse quadro, porém, a lógica que propicia tal fenômeno se tornou mais complexa. Falar sobre trabalho informal não é algo trivial. Para se ter noção dessa complexidade, é bastante se observar inicialmente os diversos termos que podem ser utilizados atualmente como denotativos desse fenômeno, Mendes e Campos (2004) encontraram em seus estudos expressões como: “setor não estruturado da economia”, “setor não organizado”, “setor não protegido”, “subemprego”, “desemprego disfarçado”, “estratégias de sobrevivência”, demonstrando a existência de visões e avaliações diferentes sobre esse setor, principalmente no que diz respeito às causas do crescimento deste na economia.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) aponta para o contínuo crescimento do trabalho informal na América Latina e no Brasil, em detrimento do trabalho formal. Recente quadro laboral latino-americano divulgado pela OIT, no final de 2005, mostra que 18,3 milhões de trabalhadores não têm emprego na América Latina, e que seis de cada dez novos empregos são criados em condições de precariedade, na economia informal. Conforme dados do Diário do Nordeste (Fortaleza, 2005), os números da precarização no Ceará, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que os informais representam 74,61% do total de ocupados. O dado é da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), apresentados na tabela 1, que inclui os trabalhadores das zonas rurais e urbanas dos municípios. Essa categoria cresceu 18,55% no período de 10 anos, passou de 2,21 milhões, em 1993, para 2,62 milhões, em 2003, sendo que o mercado informal absorveu 400 mil trabalhadores. Do contingente total de trabalhadores informais, 1,02 milhão são trabalhadores por conta própria

(CASTRO, 2005).

Tabela 1 *Números do Mercado Informal no Ceará, 2003.*

Posição na ocupação do trabalho principal	Total
Empregados	747.037
Trabalhadores domésticos	218.023
Trabalhadores por conta própria	1.023.933
Trabalhadores na produção para consumo próprio	190.751
Trabalhadores na construção para o próprio uso	3.750
Não remunerados	440.815

Fonte: PNAD (IBGE) ,2003 *Diário do Nordeste*- 6 de nov. de 2005

O uso da expressão trabalho informal tem seu surgimento nas pesquisas realizadas pela OIT no corpo do Programa Mundial do Emprego, de 1972. Para a OIT, o ponto de partida para classificação do trabalho informal é a unidade econômica, que se caracteriza pela produção em pequena escala, pelo pequeno uso de técnicas e pela mínima separação entre o capital e o trabalho. Ainda como característica poderiam ser apontadas a baixa condição de acumulação de capital e a oferta de trabalhos instáveis e com baixa remuneração.

O trabalho informal está inserido para a OIT no campo da ausência de relações contratuais – regidas por legislação trabalhista e fiscal - entre os agentes econômicos. Desse modo, vigora a completa ausência de direitos sociais por parte dos profissionais. Para Singer e Pochman (1996), o trabalho informal é um fenômeno estrutural no modo de produção capitalista. Com esteio nessa referência, podemos acentuar que a precariedade é a grande marca do trabalho informal, e como tal, passa a ser vista como um problema a ser solucionado. Está é uma concepção negativa.

Em visão oposta a esta, o trabalho informal pode ser apontado pela sua positividade, ou seja, como uma forma de resistência dos agentes econômicos

em face das ações regulacionistas do Estado. Nessa vertente, o setor informal é visto como possível solução diante da crise econômica e do excesso de interferência estatal na economia. Ressalta-se que essa é uma óptica neoliberal. Alves (2005, p.35) traz a seguinte reflexão: “(...) desse modo, os políticos é que são corruptos, não empresários ou agentes do mercado(...). Enfim, o mercado, na ótica ideológica da cultura neoliberal aparece como instância ética e responsável”.

Podemos observar que o pluralismo do mercado informal é extenso. Desse modo, para o presente trabalho, faz-se adequado descrever e classificar as diferentes formas da informalidade. Usaremos como referência Alves(2001) que discute sobre as transformações do mercado de trabalho e classifica os trabalhadores do setor informal do seguinte modo:

- trabalhadores informais tradicionais – são aqueles que têm como principal fonte de renda sua força, e que às vezes absorvem a força de trabalho de componentes familiares, normalmente não contratam mão-de-obra assalariada e estão divididos entre trabalhadores informais “estáveis”, “instáveis”, ou “ocasionais /temporários”;
- trabalhadores informais “estáveis” tendem a ter conhecimento profissional específico, ou seja, atividades bem definidas, como jardineiros, barbeiros, engraxates, dentre outros.
- trabalhadores informais “instáveis” normalmente dependem do ciclo econômico de produção ou do acúmulo de trabalho e são recrutados eventualmente. Assim, podem realizar atividades diversificadas e que exigem baixa qualificação. Os trabalhadores informais “ocasionais /temporários” são aqueles que vão para o mercado informal quando não estão empregados, mas que tendem a voltar, logo que surge uma oportunidade, ou que trabalham na informalidade como modo de complementar sua renda, que tem como fonte principal o setor formal. Essa prática é conhecida por “bicos”;

- trabalhadores assalariados sem registro – são aqueles que foram contratados, porém à margem da regulamentação trabalhista;
- trabalhadores autônomos ou por conta própria – comumente são aqueles que têm maior grau de qualificação, que possuem meios de trabalho e utilizam força de trabalho própria ou familiar. Existem casos em que se emprega um número reduzido de assalariados. Esses profissionais prestam serviço diretamente para o consumidor final ou para determinada empresa. O trabalhador autônomo, que serve ao público é aquele que presta seu serviço sem intermediação de pessoas ou de empresas. Já o trabalhador autônomo que presta serviço para determinada empresa não tem jornada de trabalho pré-fixada, tem certa liberdade para organizar seu trabalho, assim como seu tempo, podendo ter ou não ajudante. Nessa categoria, está incluso o trabalhador que ganha exclusivamente por produção e cujo vínculo pode estar formalizado em contrato de autônomo. Abrangem também profissionais que trabalham para grandes empresas, de forma a baratear sua força de trabalho, como alternativa para enfrentar a concorrência; e
- pequeno proprietário informal – a autora expressa que fazer a diferença entre esta categoria e a de trabalhador autônomo ou por conta própria parece contraditório, pois na realidade estas definições estão muito próximas, porém este conceito se faz necessário, visto que alguns autores empregam esse termo para se referir ao trabalhador por conta própria. Há pequenas empresas que absorvem número considerável de mão-de-obra assalariada, o que seria uma condição privilegiada se não fosse o caráter dependente e subordinador que estas têm em relação às grandes empresas. Para se definir o grau de informalidade de empresas, pode-se utilizar como critério o emprego da força de trabalho assalariada dentro ou não das normas estabelecidas pelas leis trabalhistas. Portanto o pequeno proprietário que mantém certo número de funcionários assalariados, porém sem carteira assinada, está dentro da informalidade. Já o pequeno proprietário que conta com a mão-de-obra assalariada de um ou mais funcionários e os mantém com registro em carteira, está fora do âmbito da informalidade.

Neste ensaio, trabalharemos com a categoria do profissional autônomo, conforme classificação de Alves (2001).

É importante evidenciar o caráter subordinado do setor informal dentro do sistema capitalista. Assim, o trabalho informal não existe aleatoriamente, pois na realidade, ele compõe a cadeia produtiva do setor formal. Para Campos e Mendes (2004, p. 214), “a capacidade de geração de renda do trabalho informal é definida pela expansão do setor formal da economia, o qual gera demanda por bens e serviços”. A crise econômica ocorrente nos últimos anos, no setor informal, propicia nova realidade, ou seja, a dos trabalhadores que além, de terem seus empregos no setor formal da economia, buscam no setor informal um suplemento, visto que hoje não há garantias de que, ao estar empregado, o profissional tenha o suficiente para suprir um padrão de vida “normal”. As pessoas, após seus horários de trabalho, procuram ter outras atividades. Atualmente, para parte significativa da classe trabalhadora é quase uma regra ter dois ou três trabalhos. É interessante atentar para a noção de que o trabalho informal pode se caracterizar como possibilidade de sobrevivência para alguns trabalhadores, ante a realidade de um crescente quadro de desemprego estrutural; para outros, como já citado, como uma complementação de renda, e ainda, para outra parcela, a chance de conseguir melhores condições financeiras em relação à atual média salarial ofertada pelo mercado. Dentro dessa diversidade de condições, Aquino (2005) nos lembra que a precarização não atinge a todos da mesma forma, até mesmo porque há diferenças entre segmentos e contingentes sociais. Podemos assim verificar, com Antunes (2003), que existe uma parcela mínima de trabalhadores informais que tendem à superqualificação, ao contrário da maioria, que carrega e vivencia a precarização.

Ponto importante a ser destacado é o fato de que uma parcela desses trabalhadores, hoje na informalidade, já fizeram parte do mercado formal,

perderam seus empregos e, na busca por uma nova recolocação, não obtendo êxito, foram obrigados a migrar para o espaço informal, tendo desse modo perdas e mudanças muitas vezes desfavoráveis, caminhando para uma situação de trabalho pouco valorizada econômica e socialmente.

Kurtz (1992) assinala que as fronteiras entre o trabalho assalariado e a livre iniciativa perdem a nitidez, porém, em contínuo detrimento para os trabalhadores. Com a imposição ditatorial da flexibilização, também interligada ao fenômeno da precarização e sua exclusiva filosofia de redução de custos a qualquer preço, surgem cada vez mais “pseudo-autônomos”, ou seja, profissionais sem uma organização empresarial própria, sem capital, sem colaboradores e sem a tão incentivada “liberdade empresarial”, já que, na maioria, dependem exclusivamente de cliente único, que normalmente é a empresa da qual era funcionário formal, e que, com o objetivo de reduzir custos com encargos contratuais, pagam somente sobre horas trabalhadas, o que, na maioria das vezes, é inferior ao salário antigo.

As razões que impulsionam os trabalhadores para o mercado informal são muitas. Uma pesquisa feita pelo IBGE (1997) com os trabalhadores fluminenses evidencia em parte esta realidade. Significativo número de trabalhadores afirmou encontrar-se no campo da economia informal por estar em busca de independência e de melhoria de seus rendimentos. Assim, persiste a idéia de um domínio da atividade laboral e uma premissa de liberdade, vivenciada pelo profissional autônomo, mas é preciso refletir melhor sobre essa situação.

2.2 A pseudo-liberdade do profissional autônomo

“O uso afetivo do valor de troca não representa nenhuma transubstanciação mística. Corresponde ao comportamento do prisioneiro que ama sua cela por que nada mais lhe é dado amar”. (ADORNO citado MATOS, 2001).

Os media, com seu papel como dirigentes da “indústria cultural” e associados a uma proposta neoliberal, em muito colabora com a lógica perversa do capitalismo, “ajudando” no “nascimento” do trabalhador autônomo contemporâneo, trabalhador pseudo-individualizado, acreditando este que está seguindo de modo independente o melhor caminho dentro desse novo mercado de trabalho.

Com a finalidade de reforçar os ditames ideológicos do capitalismo pós-industrial, os media, enfatizam a cada dia o espetáculo de ser um profissional autônomo, de ser um empreendedor, como a maior marca do profissional moderno, de sucesso, individualizado, independente, poderoso, estimulando dessa forma toda uma idealização deste profissional.

Para Debord (1992, p. 14-15), essa alienação vinda da ideologia própria do capitalismo é a “essência e a base da sociedade existente(...) o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.”

Nesta corrente, na aparência, adequada e adaptada à contemporaneidade, este trabalhador fica vivenciando a desqualificação, o subemprego e a precarização do trabalho. Existe um reforço contínuo da institucionalização da competitividade igualitária entre pessoas economicamente desiguais, podendo trazer, deste modo, sentimentos de inadequação e culpa ‘auto-atribuídas’ pelos profissionais, como se o seu bem-estar dependesse exclusivamente da sua competência. Aquino (2005) reporta-se à deterioração da coesão social implicada no processo de precarização do trabalho, onde se reforça a marginalização provocada por

intensa divisão de oportunidades de vida advinda dos novos modelos de trabalho.

Observamos que a indústria cultural tem como direção o verticalismo, ou seja, põe em destaque os interesses da classe dominante. Ela vende não apenas produtos, mas ideais. Assim, os trabalhadores autônomos tendem a absorver o ideal imaginário de um profissional da nova era como algo positivo, dentro da sociedade do espetáculo, embora em muitos casos perca uma reflexão um pouco mais ampla, onde o que na realidade está reforçando o atual consumo deste ideal são articulações do capitalismo neoliberal. Conforme Severiano,

Esse homem dotado de uma consciência desprovida de futuro, adapta-se imediatamente ao real como se este fosse o único possível. Essencialmente conformista e despolitizado, acredita que luta pelo “bem comum” quando na realidade atende a interesses políticos e econômicos de grupos particulares. Dominado pela burocracia administrativa e tecnológica, submete-se a um controle impessoal de regras burocráticas, transformando-se num “autômato”. (2001; p. 31).

A socialização do trabalhador no modo de produção capitalista envolve o controle social, incluindo aspectos psicológicos, como solidariedade social, lealdade aos companheiros, busca da identidade por meio do trabalho, iniciativa individual, que desempenham um papel e estão presentes na formação de ideologias dominantes, cultivadas pelos meios de comunicação de massa, e pelos vários setores da máquina do Estado. Nesse processo, a propaganda subliminar nos persuade a introjetar novos conceitos sobre as nossas necessidades e pretensões básicas na vida. Para Harvey,

(...) o feito líquido é moldar a trajetória e a forma do desenvolvimento capitalista de modos cuja compreensão vai além da análise das transações do mercado. Além disso, as propensões sociais e psicológicas, como o individualismo e o impulso de realização

pessoal por meio da auto-expressão, a busca de segurança e identidade coletiva, a necessidade de adquirir respeito próprio, posição ou alguma outra marca de identidade individual, têm um papel na plasmação de modos de consumo e estilos de vida. (2002; p. 118).

Este profissional autônomo, “conscientemente” individualizado, tende a perder a condição de criar uma narrativa de vida linear, em que a própria vida faça sentido, pois com a idéia de atacar a burocracia – segundo um discurso ideológico reforçado pelas políticas neoliberais – esse trabalhador passa a privilegiar as mudanças e a flexibilidade, ficando imerso nas experiências de risco, ou seja, no mercado informal, e, com isso, perde-se a base para que se possa elaborar metas a longo prazo, ficando sua vida à deriva.

Com essa constatação tratada anteriormente, podemos discutir alguns efeitos da precarização do trabalho do profissional autônomo sobre a sua subjetividade. A realização de uma atividade laboral não tem um sentido só profissional e sim implica o indivíduo em sua totalidade, produzindo vivências e idéias muito diversas, que lhe podem afetar a auto-estima, a segurança emocional, bem assim outras necessidades humanas, como reconhecimento e prestígio social.

Compartilhamos da visão apontada por Dejours (1999) de que o trabalho continua sendo o único mediador da realização do ego no campo social. Se arriscarmos uma aproximação, podemos dizer que a centralidade do mundo do trabalho mostra que não se vislumbra no momento nenhum outro candidato que venha a substituí-lo.

Aquino (2005), citando Dejours (1998), acentua que podem ser descritos quatro efeitos da precarização sobre a subjetividade do trabalhador.

O primeiro se refere à intensificação do trabalho, ou seja, é apenas aparente que se tenha adquirido condições de trabalho mais confortáveis após a Era industrial. O que na realidade ocorre com frequência é uma intensificação do trabalho, com cargas e atividades mais intensas, em que o profissional precisa se transformar em polivalente e, ao mesmo tempo, ser especialista em áreas muitas vezes diversas. Fica evidente que, com o surgimento da acumulação flexível e, conseqüentemente, a introdução de novas formas de trabalho (dentre estes o sistema japonês, que faz uso do autocontrole como ferramenta de auto-gerenciamento) há um aumento no ritmo de trabalho, acompanhado de uma dominação que supera em muito as ações disciplinares que eram convencionais no regime fordista.

O segundo efeito é a inibição (ou neutralização) da mobilização coletiva contra o sofrimento, a dominação e a alienação. Atualmente os trabalhadores encontram muita dificuldade para reagir coletivamente, pois, além da fragilidade dos sindicatos que passam por uma desestruturação, o sistema constantemente reforça a noção de que é uma vergonha protestar por condições de trabalho melhores numa sociedade onde há muitos desfavorecidos, ou seja, os desempregados, e aqueles que estão empregados imaginam fazer parte de um grupo privilegiado. Para Dejours (1999, p. 40), “A indiferença pelo sofrimento psíquico dos que trabalham abriu caminho portanto à tolerância social para com o sofrimento dos desempregados.”

A terceira conseqüência é a utilização da estratégia defensiva, pautada no silêncio, cegueira e surdez. É mais sensato cada um priorizar sua sobrevivência, ou seja, resistir. Em muitas situações, procura-se esquecer o sofrimento do outro, pois, desse modo, pode-se negar a própria emoção e não ser tomado de angústia. Dejours (1999, p.51) demonstra que, em sua pesquisas, dos operários aos gerentes, todos se defendem “*negando o sofrimento alheio e calando o seu.*”

O quarto ponto é a intensificação do individualismo, cada um por si, vivenciando uma espécie de “isolamento”, embora “compartilhado”, ou seja, vivendo em espaços muito próximos, porém com um distanciamento muitas vezes até indescritível. Dejours (1999) citando Sofsky (1993, p. 358), diz que, desde certo nível de sofrimento, “a miséria não une: destrói a reciprocidade”.

2.3 A fluidez do trabalho na informalidade: o fenômeno do profissional autônomo

Sob o capitalismo, o mercado tende a dominar a dinâmica social, imprimindo sua marca nas múltiplas relações sociais. A vendabilidade universal apresenta-se como o espírito contingente da produção capitalista.

Geovane Alves

O capitalismo, como sistema sócio-metabólico, controla a subjetividade das pessoas. Reforçado pelo neoliberalismo, o atual lema do capitalismo é “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Hoje os referenciais sólidos, embora questionáveis, perderam e ou se transformaram em fluidez, ou seja, em diversos aspectos da vida humana contemporânea, o que há é a instabilidade, a incerteza, a inconstância como algo dentro da lógica do normal, como exclusivas coisas possíveis. Trazendo isso para o contexto do trabalho informal, a categoria do profissional autônomo está inteiramente pautada na nova razão do capital.

Para Bourdieu *apud* Bauman,

Para projetar o futuro, é preciso estar firmemente plantado no presente. A única novidade aqui é que o que importa é a ancoragem do indivíduo em seu próprio presente. E para muitos dos contemporâneos, talvez a

maioria, sua ancoragem no presente é, na melhor das hipóteses, instável, e muitas vezes prima pela ausência. (2001; p. 156).

Com a flexibilização, as estratégias de vida só podem ser de curto prazo, isto como reflexo do capital, cujas políticas atuais caminham para que cada vez mais este independa da força de trabalho, ou seja, antes havia certa dependência mútua do capital e do trabalho. Bauman (2001, p. 166) assinala que “os trabalhadores dependiam do emprego para sua sobrevivência ; o capital dependia de empregá-los para sua reprodução e crescimento”. Hoje, com uma nova realidade de movimento, anteriormente impensável, essa dependência foi quase inteiramente rompida.

Nessa nova lógica, a fragilidade do trabalhador é muito maior, pois o desengajamento é unilateral, isto é, se não está bom para uma das partes, os “contratos” são facilmente desfeitos, pois, com os baixos impostos, menos regras e um mercado flexível, o capital fica sempre mais ditatorial, em detrimento dos trabalhadores, e estes, por sua vez, incapazes de oferecer uma resistência organizada a qualquer posição que venha do capital.

O autônomo tende a isolar-se e não compartilhar suas vivências com outras pessoas, pois sente-se responsável por suas escolhas, de forma que, quando estas não seguem o curso esperado do discurso de massa, e a expectativa de sucesso não se concretiza, ele não deseja expor o seu “fracasso”, a sua “incompetência”, tendendo a acumular dificuldades que pressupõe não serem possíveis de compartilhar com outras pessoas, guardando seus sentimentos para si mesmo e até mesmo dissimulando, trazendo um distanciamento social. Tende a crer que os outros não têm capacidade para compreendê-lo ou ajudá-lo.

Os homens tornam-se seres inteiramente privados, isto é, privados de ver e ouvir os outros e privados de ser vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência

singular que continua a ser singular ainda que a mesma experiência seja multiplicada inúmeras vezes. O mundo em comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva. (ARENDT,1993; p. 67).

Atualmente, o futuro se apresenta como sombrio, turvo e sem transparência, com tendência a ser cheio de riscos e dificuldades. Assim, deixar de priorizar os interesses individuais em nome de um grupo e planejar o futuro, sacrificando o presente, passam a não ser algo convincente ou nem mesmo “inteligente”. O que muito provavelmente se sente e percebe é que, no caso de algo não ser aproveitado ao máximo, instantaneamente, a oportunidade poderá ser perdida, reforçando desse modo as decisões e ações que devem ser executadas rapidamente e, em conseqüência, tendo como base a superficialidade, pois os compromissos atuais podem se tornar obstáculos, empecilhos para oportunidades futuras. Portanto, quanto mais fluidos e superficiais forem as situações do hoje, menos riscos se corre (BAUMAN, 2001).

Hoje é quase impossível se desenvolver uma narrativa de vida linear e, como conseqüência, é difícil seguir uma narração de identidade e história de vida, pois se vive numa sociedade composta por episódios fragmentados. Como ficam as famílias e os valores que as orientam? Como se sabe, o mais comum é marido e mulher vivenciarem em seus trabalhos as mesmas situações de instabilidade , a economia tende a alimentar a experiência com a deriva do tempo, de lugar em lugar, de trabalho em trabalho. Muitas vezes, no mesmo casal, apesar de vivenciarem o auge de uma situação profissional, o medo de perder o controle de suas vidas não os abandona, pois sabem que a qualquer momento o leme pode mudar mesmo a contragosto e sem nenhuma programação, à revelia, pois esse medo está ligado a história de seus trabalhos. Portanto, valores como distanciamento e cooperativismo superficiais estão mais coerentes com momento atual, mais do que valores como lealdade e serviço. Fica difícil, para não dizermos impossível, passar

valores para os filhos, como compromisso e lealdade, visto que não é isso que eles vivenciam na maior parte das vezes em seus lares. O que os acompanham desde cedo é ter de mudar-se muitas vezes de casa, de escola, de cidade para acompanhar as tentativas de seus pais de sustentar a família. Para Sennet (1999, p.27), “o capitalismo de curto prazo corrói o caráter (...), sobre tudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável.”

2.4 Possibilidades de um novo cenário para o trabalhador autônomo

Na sociedade contemporânea, o controle que se exerce é diferente de momentos anteriores. Hoje se apresenta de modo sutil, como se fosse o indivíduo que estivesse no controle, no comando, e dominasse. O que ocorre, porém é uma submissão aos meios de destruição.

(...) o progresso tecnológico não foi capaz de gerar novos processos humanos libertários, ocorrendo, ao contrário, um tipo de dominação mais sutil porém mais totalitária do que dantes, capaz de manipular de forma imperceptível a existência pública e privada dos membros desta sociedades. (SEVERIANO, 1990, p.110).

Atualmente, parece improvável se provocar uma transformação social, uma mudança qualitativa, que passe do interesse imediato para o interesse real. Existe uma dificuldade de conscientização, por um lado, e, por outro há, um aprimoramento das técnicas de manipulação dos indivíduos, fazendo com que estes fiquem cada vez mais absorvidos pela opressão.

Conforme Harvey (2002), no sistema capitalista, há duas áreas apresentando dificuldade e que necessitam ser negociadas com sucesso para que o sistema continue tendo viabilidade. Uma delas é a formação de preços e a outra surge da necessidade de se ter amplo controle sobre o emprego da

força de trabalho. “ O capitalista paga, por exemplo, o valor diário da força de trabalho. Sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria, por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia, pertence-lhe durante o dia.” (MARX, 1971, p.209-210).

Observa-se que, atualmente, a lógica do controle dessa força de trabalho encontra-se mais ‘envolvente’, mais ‘participativa’ e inegavelmente mais manipulável. Com o toyotismo houve maior intensificação e exploração do trabalho. Nas palavras de Antunes (2003, p.36) o toyotismo é uma “decisiva aquisição do capital contra o trabalho”.

Considerando a centralidade no mundo do trabalho, conforme Antunes (2003), é pelo trabalho em sua cotidianidade, que o homem se torna social, distinguindo-se de todas as formas não humanas, portanto, o trabalho como protoforma do ser social.

Como poderia ocorrer a emancipação desse trabalhador autônomo, tão pouco consciente de si mesmo, do seu papel e dos mecanismos de dependência que contribuem para formação do quadro geral já descrito?

Para Antunes (2003), há possibilidades de uma emancipação humana desde as revoltas e rebeliões que advêm da centralidade no mundo do trabalho. Acredita que pode haver outras formas de contestação, porém, vivendo-se numa sociedade alicerçada pela produção de mercadorias e valores de troca, as revoltas do trabalho têm a posição de centralidade. Todos os diversos tipos de assalariados que formam o setor de serviços, os terceirizados, os trabalhadores do mercado informal (autônomos), os desempregados, os subempregados etc, que sofrem com a desestruturação social ditada pelas razões destrutivas do capitalismo, podem se juntar aos trabalhadores formais, diretamente produtivos, e constituir o segmento social dotado de maior potencialidade anticapitalista.

Em outra linha de argumentação, podemos referenciar Kurtz (1992), que faz reflexões muito interessantes acerca da possível dificuldade dessa emancipação vinda da classe trabalhadora, dentro da atual crise que permeia o mundo do trabalho;

(...) uma vez que esta crise consiste precisamente na eliminação tendencial do trabalho produtivo(...) ela já não pode ser criticada ou até superada a partir de um ponto de vista ontológico do trabalho, ou da luta da classe trabalhadora. (idem-227) Sem dúvida, revela-se aqui um dilema até hoje insuperado no centro da teoria de Marx. A afirmação do movimento operário (...) é na verdade inconciliável com a sua própria crítica da economia política, que desmascara precisamente aquela classe trabalhadora não como categoria ontológica, mas sim como categoria social constituída por sua vez, pelo capital. (ANTUNES,2003,p.111)

Vivenciamos uma era extremamente difícil no mundo do trabalho. Será que conseguiremos a emancipação desse trabalhador em algum momento? É pergunta para a qual não temos resposta. Se a autonomia pode ser pensada como algo positivo, segundo as premissas do pensamento liberal, não podemos fechar os olhos para as múltiplas implicações e diversidades de conseqüências que ela traz para a cada vez mais complexa e heterogênea classe trabalhadora. Há que se considerar uma crescente vulnerabilidade do trabalhador e sua conseqüente exposição a um nível de estresse constante, algo prejudicial ao seu bem-estar físico e a sua saúde mental.

3 ESTRESSE E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO LABORAL

Nos últimos anos, a prevalência do estresse no trabalho e suas implicações para a saúde física e mental dos indivíduos é tema de grande preocupação em todo o mundo. Como visto no seguimento anterior, as circunstâncias econômicas instáveis, a reestruturação produtiva e, conseqüentemente, as mudanças que a acompanham trazem consigo um aumento de instabilidade e insegurança laboral, abrindo portas para um ambiente propício ao estresse. Dados coletados pelo Instituto Nacional de Seguridade e Saúde Ocupacional dos Estados Unidos mostram o estresse como uma das idéias mais importantes em saúde nos anos 1990 e os transtornos psicológicos como um dos dez principais problemas da saúde no trabalho (BUENDÍA, et alii,1998).

O estresse não é atribuído unicamente a situações de trabalho, pois existem muitas outras fontes potenciais de estresse - como relacionamentos familiares e conjugais, enfermidades graves, desastres e guerras. Atualmente o estresse passou a ser responsável por grande variedade de males que nos atingem, essencialmente aqueles ligados ao estilo de vida urbana. Para Filgueiras e Hippert (2002, p.112), citando Berkik (1997),” o estresse já é um problema econômico e social, de saúde pública, que implica em gastos não só para o individuo, mas também para empresas e governos.”

Em qualquer discussão sobre estresse, é importante estabelecer como se deve interpretar este constructo. Kasl e Rapp (1991) *apud* Parkes (1998) advertem que o estresse continua sendo um termo de manejo difícil, tanto no contexto popular como no âmbito profissional, pois se usa a palavra em diversos sentidos, inclusive em lugar de outros vocábulos, como cansaço, ansiedade, frustrações e dificuldades, facilitando uma falta de precisão em torno do seu verdadeiro significado.

Na maior parte das situações descritas como estressantes, estas se juntam a causas e conseqüências negativas, porém o que se lê em estudos publicados é o fato de que situações de alegria intensa também podem ocasionar estresse. Este também pode ser derivado de mudanças relativamente inesperadas no contexto social, assim como a falta de mudanças pode ser igualmente estressante. Toda mudança que exija adaptação por parte do organismo causa certo grau de estresse.

A experiência do estresse pode trazer tanto conseqüências positivas como negativas para a pessoa mas o essencial é que cada um encontre o seu ponto de equilíbrio diante do estresse, ou seja, um nível suportável.

3.1 O percurso conceitual do estresse

Estresse é unidade de idéia derivada da Física, que significa tensão, pressão. O pesquisador e médico austríaco Hans Selye (1959) deu a esta dicção um sentido biológico, definindo-a como reação inespecífica do organismo a demandas diversas. Em 1936, Selye descreveu a Síndrome Geral de Adaptação (SGA), constituída por três fases (reação de alarme, adaptação e exaustão) e que é uma resposta não específica a qualquer estímulo aversivo, que inclui o sistema nervoso autônomo.

Na fase de reação de alarme, o organismo reage de forma clara a presença repentina de agentes estressores, liberando adrenalina e corticóides. A reação inicial é de uma mobilização geral do organismo para luta ou fuga, diante de um perigo externo. Astorga (2005) adverte para a noção de que a reação de alarme como resposta a uma situação de emergência a curto prazo pode ser adaptativa, porém, atualmente, muitas situações modernas implicam uma exposição prolongada ao estresse e que não requer ação física. Esta reação foi expressa por Cannon em 1915, tendo

como referência o conceito de homeostase que descreve a tentativa que o organismo tende a fazer para manter o meio interno em equilíbrio estático.

O decurso de adaptação ou de resistência, como também é chamada, caracteriza-se pela extensão da circunstância estressante, porém o organismo não pode manter todas as reações características da fase de reação de alarme e muitos dos sintomas iniciais desaparecem, sendo possível se chegar a uma sensação de desgaste.

O período de exaustão consiste no estágio mais severo, na exposição prolongada do mesmo agente estressor, provocando o reaparecimento das reações de alarme, na tentativa de se ajustar, contudo não é mais possível resistir, podendo chegar à morte.

Lipp (2000), após 15 anos de estudo no Laboratório de Stress (LEPS) da Puc-Campinas, identificou a existência de outra fase de estresse, que nomeou como quase-exaustão e que se encontra entre a fase da resistência e a da exaustão. Propõe um modelo quadrifásico para o estresse, que expande o modelo desenvolvido por Selye, em 1936, - o trifásico - descrito anteriormente. Esta fase de quase-exaustão se caracteriza por um enfraquecimento da pessoa, que não consegue se adaptar ou resistir ao estressor. Desse modo, as doenças podem começar a aparecer, porém no grau de seriedade menor do que na fase de exaustão. Assim, a pessoa ainda consegue trabalhar e fazer outras atividades, ao contrário da fase de exaustão, na qual ela pára. Segundo Lipp (2000, p.13), "os dados mostraram que a fase de resistência, como proposta por Selye, era muito extensa, apresentando dois momentos distintos caracterizados não por sintomas diferenciados, mas sim pela intensidade dos sintomas." Seguiremos o modelo quadrifásico de Lipp (2000) como referencial para o nosso trabalho.

Lazarus e Folkman (1984) fazem uma crítica ao modelo de estresse como resposta puramente fisiológica. Acreditam que vai mais além, ou seja, defendem a existência de uma reação emocional e, desse modo, a resposta não específica é psicologicamente mediada, existindo uma avaliação da situação estressante feita pelo indivíduo.

O estresse psicológico é amplamente baseado no enfoque transacional, que define o estresse como uma reação entre a pessoa e o ambiente e que é percebido por esta como ameaçador e excedendo seus recursos, chegando a prejudicar o seu bem-estar. Esta definição enfatiza aspectos individuais, fala de características tais como predisposições, motivação, atitudes, experiências e como estes determinam o modo como são percebidas as situações estressantes. Esta avaliação influi sobre os esforços de enfrentamento, isto é, uma mobilização cognitiva e comportamental diante do estressor. Lazarus e Folkman (1984), inserem então o conceito de *coping*, que se refere ao conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais usadas para lidar com demandas internas e ou externas, tendo como referência experiências vividas e na tipicidade do estímulo.

Monat e Lazarus (1977), citados por Stacciarini, Tróccoli e Mendes (2002), relatam que entre os pesquisadores há uma tendência em diferenciar três tipos essenciais de estresse: sistêmico ou fisiológico, psicológico e social. O primeiro tipo refere-se aos distúrbios dos sistemas e tecidos corporais, o psicológico trata de fatores cognitivos e o estresse social lida com o envolvimento de uma unidade ou sistema social. Acreditam que não é a situação nem a resposta do indivíduo que delineiam o estresse, mas sim a avaliação que este faz sobre o problema.

Dantzer (1998), expressa que não é uma tarefa simples diferenciar o elemento psicológico numa situação de estresse, pois não há quebra entre o

estresse fisiológico e o psicológico, ou entre as características fisiológicas e psicológicas do estresse. Isso seria cartesiano demais...

Lipp (2001) trabalha com a abordagem biopsicossocial do estresse, entendendo que os estímulos estressores podem advir do meio externo (condições ocupacionais) assim como do interno (sentimentos, pensamentos) e acredita que a pessoa pode influenciar no aumento ou redução da intensidade do estresse, tendo, desse modo, condições de ter um controle sobre ele, contribuindo sobre os efeitos deste para saúde.

Outro tipo de estresse pesquisado refere-se à modalidade ambiental, conceituado como o conjunto de condições normalmente associadas à vida urbana, com as quais a pessoa tem que interagir continuamente, como ruídos, poluição e aglomerações (STRAUB, 2005). Pesquisas mostram que o estresse ambiental pode influenciar no comportamento psicossocial, tornando a pessoa, mais agressiva, por exemplo.

Para Santend, Sandín e Chorot (1998), o estresse é um processo multivariado, que inclui estímulos, respostas e atitudes mediadoras de avaliação e enfrentamento; e tem a constante retroalimentação entre os sucessivos eventos, interação das pessoas com o ambiente, estratégias de enfrentamento e avaliações.

Na literatura sobre estresse, é importante fazer a distinção entre “distresse” (estresse ruim) e “eutresse” (estresse bom). Segundo França e Rodrigues (1997), o “distresse” é um estado de estresse excessivo que pode levar a pessoa ao estado de paralisação, conduzindo-a a ter respostas inadequadas e, conseqüentemente, ao adoecimento. Já o “eutresse” está associado ao nível adequado de estresse, ou seja, a quantidade de estresse pode melhorar o desempenho da pessoa. Essa distinção é de intensidade e não de qualidade.

Lazarus e Folkman (1984) declaram que as críticas ao conceito de estresse e sua utilidade baseiam-se em sua confusa definição como estímulo ou como resposta em seus três níveis (social, psicológico e fisiológico), podendo ser justificada quando se utilizam definições precisas do que se entende por agente estressor e resposta ao estresse, e que medidas são utilizadas.

Podemos observar nesse pequeno percurso sobre o conceito de estresse que a amplitude dos estudos a respeito do tema é extensa não havendo consenso entre muitos dos pesquisadores. Observa-se, contudo que há um recuo na vertente fisiológica e um aumento dos estudos psicológicos e socioculturais , porém independentemente de sua definição, esse fenômeno é vivenciado pelas pessoas e estas o conhecem bem, fazendo parte de suas vidas em diversos momentos.

Diante do que foi exposto podemos salientar ainda que o estresse é um conceito que abrange áreas de conhecimento diferentes, de modo que é importante enfatizar qual contexto se vai trabalhar e quais as contribuições inerentes ao estudo. Nesse sentido, tentaremos articular estresse e trabalho, dando um enfoque mais específico ao trabalho informal na contemporaneidade.

3.2 Estresse no contexto laboral

Muitas pesquisas realizadas em diferentes países indicam que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, nos últimos anos, estão contribuindo para o aumento da insatisfação laboral e, conseqüentemente,

para o estresse. No trabalho, o estresse pode ser definido como um estado de tensão pessoal de desprazer.

Lazarus (1991), ao tratar do enfoque transacional no contexto laboral, enfatiza a importância da natureza dinâmica nos processos de estresse através do tempo e dos vários contextos específicos de trabalho. O Centro Psicológico de Controle de Stress (CPCS), situado aqui no Brasil, apresenta pesquisas que mostram que o índice regular de pessoas com estresse na população em épocas normais é de 32%, mas pode chegar em tempos de crise econômica até 70%. É interessante ressaltar o fato de que hoje vivenciamos uma crise estrutural e não conjuntural. Desse modo, podemos constatar que o índice de pessoas com estresse tende a ser elevado. Os profissionais que estão na camada da precariedade, como é o caso dos trabalhadores informais, estão constantemente submetidos a situações de instabilidade que podem desencadear o estresse.

Lipp (2001) adverte para a ideia de que as mudanças ocorridas na sociedade moderna não podem passar despercebidas, sem deixar marcas, pois elas são intensas, e na maioria das vezes, rápidas demais para permitir ao homem uma captação do seu ritmo e do seu significado. A competitividade desmedida, a sobrecarga de trabalho, a interação família – trabalho, a insegurança, o medo de expressar a autenticidade de sentimentos para os outros e a pressão pelos resultados, cada vez mais elevados, inegavelmente afetam qualidade de vida de modo negativo.

O sistema socioeconômico em que vivemos tenta nos fazer crer que o sofrimento no trabalho que correspondia às atividades industriais foi atenuado, ou até mesmo eliminado, com a introdução de novas tecnologias e outras formas de produção, mas o que se observa é um quadro bem diferente. Hoje os trabalhadores precisam assumir inúmeras tarefas, às vezes até mesmo arriscadas para a saúde, em condições muito pouco diferentes daquelas executadas anteriormente ou até mesmo agravadas por uma lânguida lei

trabalhista, que, na maioria das situações, no Brasil, tem validade somente no papel.

Para Dessors e Torrente (1996) *apud* Dejours (1999), há um sofrimento do trabalhador, que tenta a todo custo satisfazer as exigências das culturas das organizações, dos clientes e do mercado de um modo geral; temem não conseguir seguir o ritmo de formação, informação, aprendizagem, nível de conhecimento, instrução, e de experiência, o que leva este trabalhador a uma exposição constante a diversos agentes estressores.

curiosamente, as mudanças ocorridas no nível da organização da sociedade estão correlacionadas com a saúde. Por exemplo, no século passado a causa mais freqüente de morte era a infecção, hoje em dia a causa mais freqüente são as doenças cardiovasculares. A hipertensão arterial é responsável por uma grande parte das mortes devido a acidente vascular cerebral. E mais, enquanto mais homens que mulheres sofriam de enfarte do miocárdio e de morte cardíaca súbita, hoje o número de mulheres acometidas por esses males sobe assustadoramente. Um dos fatores contribuintes para a patogênese dessas doenças é inegavelmente o estresse. (LIPP, 2001; p-10)

A literatura mostra que diversas pesquisas são realizadas com categorias diferentes de trabalhadores. Podemos citar Borges (2002), que estudou a categoria de bancários, Codo (1999), que trabalhou com a categoria de professores; e Lipp (2001), ao verificar que entre os executivos existe alto nível de estresse, consoante ocorre também entre mulheres, policiais militares, professores e bancários.

No contexto laboral, encontram-se vários fatores que podem contribuir para o surgimento do estresse. Descrevemos alguns, sem a pretensão de esgotar o tema, pois sua amplitude e sua complexidade revelam-se claras na literatura.

A sobrecarga de trabalho é apontada como uma fonte importante de estresse. As pessoas que trabalham muito, acumulam várias atividades em um mesmo trabalho, ou que além disso ainda chegam a ter outro trabalho (com o objetivo de complementar a renda) , sentem-se mais estressadas (STRAUB,2005). É interessante ressaltar que não necessariamente o número de horas trabalhadas determina uma condição de estresse, pois a avaliação da pessoa que está inserida no processo faz diferença. Assim, o que pode ser exaustivo para uns pode não ser para outros, pois este é um componente subjetivo da sobrecarga de trabalho (MORGAN, 1993 *apud* STRAUB, 2005).

Dentro dos estudos desenvolvidos em relação a sobrecarga laboral encontramos em Astorga (2005) um diferencial entre demandas quantitativas e qualitativas impostas às tarefas de trabalho e seu impacto sobre os resultados na saúde física e mental. Quando se fala de demanda quantitativa, a referência feita é à quantidade de trabalho excessivo ou ao seu oposto, que é a baixa utilidade laboral. As duas formas são desfavoráveis, se compararmos a níveis moderados (PARKES, 1998). Já as demandas qualitativas se referem ao conteúdo e à complexidade das tarefas, como por exemplo, aspectos como nível emocional e ou cognitivo envolvido. Pesquisas demonstram que atividades desenvolvidas por trabalhadores em linha de montagem, pela fragmentação e repetição em ciclos curtos das tarefas executadas, podem trazer insatisfação e ansiedade(IBID, 1998).

O controle laboral é outro fator bastante mencionado, haja visto o fato de que muitas formas de controle estão associadas a este item, como, por exemplo, autonomia, liberdade de decisão e juízo crítico. Na década de 1990 foi concedida muita atenção a estes aspectos, tendo sido detectado o fato de que, quando o trabalhador tem pouco ou nenhum controle sobre as atividades que executa, ele tende a se achar mais estressado. Atualmente observa-se que, com as novas ferramentas da gestão - como trabalho em equipe, gestão participativa, autogerenciamento, dentre outras transportadas do sistema toyotista, que se apresentam com uma capacidade de (discurso falacioso)

aumentar o grau de autonomia do trabalhador - o que realmente ocorre, segundo Antunes (2003, p.42), é maior participação e mais envolvimento, porém acompanhado de uma manipulação jamais vista até então, pois o envolvimento cooptado, viabiliza ao “capital apropriar-se do *saber* e do *fazer* do trabalho”.

Desse modo, podemos deduzir que na contemporaneidade há significativa parcela de trabalhadores vivenciando constantemente a circunstância de falta de autonomia e controle no trabalho, propiciando condições favoráveis ao estresse; sem deixar de falar dos profissionais que fazem parte da parcela de precarização hoje existente, como, por exemplo, os informais, que também vivenciam uma “pseudo- autonomia.”

Insegurança laboral, incerteza acerca do futuro no trabalho e, algumas vezes, ameaça de ser demitido tendem a trazer forte situação propiciadora de estresse para o trabalhador. Greenhalgh e Sutton *apud* Astorga (2005) ressaltam que, quando os trabalhadores se encontram numa situação de insegurança laboral, ocorrem reações negativas associadas ao nível de satisfação no trabalho e de compromisso com a organização e uma relação positiva com aspectos como ansiedade, depressão e irritabilidade, deterioração da saúde mental, queixas somáticas, sentimentos e respostas emocionais negativas. Os autores também detectaram relações de insegurança no trabalho, com o desenvolvimento de úlceras, colites e alopecia. Quando a pessoa vivencia a condição de insegurança, está mais propensa a aceitar sobrecarga de trabalho e, desse modo, acumulando mais agentes estressantes (PEIRÓ,2000). Os trabalhadores no estado de precarização constantemente ficam expostos a este tipo de agente estressor.

Interação trabalho-família, ou sobrecarga de papéis (como também pode ser chamado), ocorre quando a pessoa tenta equilibrar vários trabalhos ao mesmo tempo. O trabalho não está isolado de outros aspectos da vida, motivo por que o estresse surgente no campo laboral tem implicações para o

estresse no domínio não laboral, particularmente na família e vice-versa. Neste campo as investigações estão em constante desenvolvimento, atraídas mais especificamente pelo crescente engajamento das mulheres no mercado de trabalho, paralelamente assumindo vários papéis, responsabilidades com casamento, maternidade e muitas vezes atuando como chefes de família. (PARKES, 1998).

Autores como Straub (2005), Parkes (1998) e Astorga (2005) apresentam outros aspectos verificados no contexto laboral, os quais tendem a estimular o aumento do estresse do trabalhador:

- ambigüidade ou conflito de papéis - ocorre quando a pessoa não está segura sobre o seu trabalho, ou seja, quando não sabe que os padrões são utilizados para avaliar seu desempenho. Pode derivar de uma situação na qual o trabalhador recebe mensagens confusas;
- aspectos temporais são considerados significativos no rendimento e na saúde dos trabalhadores. Turnos de revezamento, semanas de trabalho intensas, horários flexíveis e outras características temporais ligadas ao ambiente laboral são situações, às quais, caso o trabalhador fique exposto por período extensos, poderá ocorrer efeitos acumulativos;
- características do ambiente físico laboral podem promover situações de estresse, por meio de ruídos excessivos, falta de iluminação adequada, temperaturas fora de padrões considerados moderados, ventilação inadequada, vibrações intensas e constantes;
- assédio moral - este é um estressor constituído por hostilidade direcionada a uma pessoa determinada, por um indivíduo ou por um grupo, podendo situá-la em claro estado de desvantagem ou sem condição de defesa, fazendo com que essa pessoa possa até abandonar a organização;
- progresso inadequado na carreira - pode ocorrer quando as pessoas sentem que não são reconhecidas em seus trabalhos ou em situações em que são promovidas muito lentamente; e

- aposentadoria - constitui o começo de uma nova etapa na vida das pessoas, que se encontram num momento de mudanças podendo ocorrer situações de crises individuais e sociais, se não forem desenvolvidas estratégias adequadas para lidar com a situação e poder prevenir os efeitos psicológicos mais deliberados (RIQUELME, 1998).

Algumas pessoas apresentam um grau de ansiedade intenso e, às vezes, utilizam o trabalho como meio de descarregar a tensão. Estas pessoas são denominadas de *workaholics* ou “viciados no trabalho”, segundo Lorente (1998). Fora do ambiente laboral, demonstram dificuldades de lidar com seu tempo livre, relacionado com o convívio familiar, lazer ou na vida social. No atual contexto de trabalho, as empresas tendem a valorizar e estimular este tipo de característica, pois leva o trabalhador a ter níveis de desempenho mais elevados.

Nesta discussão inicial sobre o estresse, é interessante citar o *burnout*, definido como uma “síndrome psicológica decorrente da tensão emocional crônica no trabalho” (TAMAYO e TRÓCCOLE, 2002, p. 37). O *burnout* segundo França e Rodrigues (1997) *apud* Filgueiras e Hippert (2002), é considerado uma das principais conseqüências do estresse no trabalho. Além do cansaço físico, outras dimensões acompanham a síndrome, conforme Codo (1999), como: (a) a exaustão emocional - estado em que o trabalhador sente que já não pode oferecer mais de si mesmo no plano afetivo, sente-se esgotado; (b) despersonalização - desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas e de cinismo direcionado às pessoas destinatárias do trabalho (usuários / clientes); e (c) a falta de envolvimento pessoal no trabalho - tendência a ter uma evolução negativa no trabalho, afetando a habilidade para sua realização e o entendimento, ou contato com pessoas usuárias do serviço.

Para Codo (1999), o *burnout* não aparece por acaso, pois surge no momento em que a produção de setor primário retrocede e o setor terciário cresce a cada dia, ou seja, período de intensificação da precarização laboral.

Apesar das adversidades no mundo do trabalho e, mais especificamente, dentro da realidade do trabalhador informal, as condições desfavoráveis - como instabilidade, insegurança e individualismo dentre outras - tendem a levar ao estresse. Alguns profissionais apresentam bons resultados em termos comportamentais e de sucesso em seus empreendimentos, demonstrando, assim, conduta adaptativa. Entre os fatores que viabilizam esta adaptação, atuando como elemento de proteção, encontra-se o *coping*, do que cuidaremos logo adiante.

3.3 *Coping* (enfrentamento)

3.3.1 Introdução

Coping pode ser descrito como o conjunto de estratégias usadas pelas pessoas com o objetivo de adaptarem-se/lidarem com circunstâncias adversas, ou seja, é um esforço cognitivo seguido de condutas para manejar demandas específicas, podendo estas ser externas ou internas e avaliadas como situações que excedem os recursos da pessoa (LAZARUS e FOLKMAN, 1986).

O conceito de *coping* começa a ser explorado em meados do século XX e o termo é de origem anglo-saxônica. As pesquisas sobre *coping* ampliaram-se nas duas últimas décadas, porém há várias discussões sobre questões metodológicas e conceituais. Podemos observar que não há um consenso entre os pesquisadores sobre quais as estratégias de *coping* utilizadas, ou seja, há uma diversidade, embora algumas estratégias até se originem de

outras, ou mantenham alguns vínculos diretos. Desse modo, podemos dizer que em algumas situações se usam denominações diferentes para descrever construtos similares. Outro ponto discutido é sobre a mensuração do construto, relacionado diretamente com a questão conceitual. Existe uma variedade de medidas empregadas.

Ao abordarmos o fenômeno do *coping*, é importante estabelecer diferença entre o que os pesquisadores apresentam como estilos e estratégias de *coping*. De modo geral, os estilos de enfrentamento estão relacionados a traços de personalidade e as estratégias a ações cognitivas e comportamentos ocorridos num episódio específico de estresse. É relevante ressaltar o fato de que os estilos tendem a influenciar as estratégias utilizadas, embora sejam fenômenos diferentes e que têm origens teóricas distintas.

Estratégias de *coping* podem ser conceituadas como o conjunto de ações estruturadas utilizadas pelas pessoas em situações avaliadas como estressantes – objetivando moderar ou minimizar os efeitos estressantes sobre o bem-estar psicológico e ou físico (COOPER, 1996).

As concepções de *coping* aparecem na literatura de modo fluido e variado. Na atual realidade, tentaremos apresentar como alguns autores trabalham com este conceito, porém trabalharemos como referencial teórico de base para esta pesquisa com o modelo de *coping* e estresse proposto por Lazarus e Folkman (1984). Esses autores consideram o estresse como um processo que sucede entre o indivíduo e o meio onde se encontra, chamado de modelo transacional. Nesta concepção, não se pode compreender de modo mais abrangente o estresse se consideramos os eventos situacionais (estímulos) e as pessoas (respostas) como núcleos separados. Assim devemos englobá-los em um conjunto, como uma transação, em que cada pessoa deve lidar de modo contínuo com os eventos cotidianos. Tendo por base esta idéia de

estresse, aflora a noção de *coping*, como meio de lidar com as situações adversas e consideradas estressantes.

Latack e Havlovic (1992) garantem que, após vários estudos sobre o conceito de *coping*, existe algo em comum em sua definição, ou seja, que é um fenômeno em parte ocorrente entre uma transação pessoa-ambiente e que acontece quando a pessoa avalia a situação como estressante.

Para Tamayo e Tróccoli (2002), que citam Zautra e Wrabetz (1991), “o *coping* é um processo dinâmico de esforços determinados para a resolução das dificuldades e das demandas exigidas para o ajustamento do organismo.”

Parkes (1994), expressa que o *coping* é um fenômeno multidimensional, o qual engloba uma diversidade de estratégias cognitivas e comportamentais que podem ser usadas tendo como fim modificar, reavaliar e impedir situações estressantes ou minimizar seus efeitos negativos.

Podemos observar que, historicamente, três gerações de pesquisadores abordaram o fenômeno do *coping*. Algumas diferenças podem ser vistas em suas construções teóricas e metodológicas, possivelmente em virtude de suas raízes epistemológicas (SULS, DAVID e HARVEY, 1996).

Encontramos, inicialmente, pesquisadores ligados à Psicologia do ego que correlacionam o *coping* aos mecanismos de defesa, motivado internamente e de modo inconsciente como forma de lidar com demandas sexuais e agressivas (VAILLANT, 1994). Eventos externos e ambientais foram incluídos como estímulos que podem possibilitar o desencadeamento do processo de *coping* (TAPP, 1985). Constatamos que a primeira geração de pesquisadores tende a avaliar o *coping* por meio de estilos, ou seja, traços de personalidade e não como processos comportamentais.

A segunda geração de investigadores surgiu na década de 1960, trazendo outra abordagem para essa categoria, que enfatizava os comportamentos de *coping* e seus componentes cognitivos e situacionais (SULS, DAVID e HARVEY, 1996). Desse modo, passaram a concebê-lo como um processo flexível e consciente ante a situação estressante.

A terceira e mais recente geração de pesquisadores apresenta a convergência entre *coping* e personalidade. Os seus estudos, constata-se evidências que mostram fatores situacionais como incapazes de abranger todas as variações encontradas nas estratégias de *coping*. Consoante Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998), o modelo dos Cinco Grandes Fatores desperta interesse e credibilidade na comunidade científica. Foi desenvolvido por autores como Holahan e Moos (1985); McCrae e Costa (1986); Watson e Hubbard (1996), que são: neuroticismo, extroversão, abertura, amabilidade e responsabilidade. Os traços de personalidade mais estudados, correlacionados com as estratégias de *coping*, são rigidez, auto-estima, otimismo e *locus* de controle, conforme Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira, (1998).

3.3.2 Modelos de *coping*

Muitos trabalhos foram realizados com o objetivo de classificar as estratégias de *coping*, porém, neste trabalho, iremos recorrer à abordagem cognitivista desenvolvida por Folkman e Lazarus (1980), por entendermos, na literatura estudada, que esta abordagem é a mais utilizada e que outros referenciais dela se socorrem.

Nesta perspectiva, o *coping* é conceituado como “ um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o

objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de *stress* e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais” (LAZARUS e FOLKMAN *apud* ANTONOAZZI; DELL’AGLIO e BANDEIRAS,1998). As estratégias de *coping* são classificadas como base em uma dualidade, como foco na emoção e /ou no problema. De tal forma, para essa perspectiva, as estratégias de *coping* são tomadas como ações conscientes que podem ser aprendidas, utilizadas, remanejadas e descartadas. Desse modo, mecanismos de defesa inconscientes - como negação, regressão e deslocamento- não se encontram dentro do conjunto de estratégias de *coping*. Segundo Antoniazzi; Dell’Aglío e Bandejas (1998, p.277), o modelo que se segue é considerado o mais abrangente:

O modelo de Folkman e Lazarus (1980) envolve quatro conceitos principais: (a) *coping* é um processo ou uma interação que se dá entre o indivíduo e o ambiente; (b) sua função é de administração da situação estressora, ao invés de controle ou domínio da mesma; (c) os processos de *coping* pressupõem a noção de avaliação, ou seja, como o fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado na mente do indivíduo; (d) o processo de *coping* constitui-se em uma mobilização de esforço, através da qual os indivíduos irão empreender esforços cognitivos e comportamentais para administrar (reduzir ou tolerar) as demandas internas e ou externas que surgem da sua interação com o ambiente.

As estratégias de *coping* dependem da avaliação que a pessoa faz da situação estressante. Assim uma vez a situação avaliada e considerada como não podendo ser modificada ou amenizada, tende-se a enfatizar a *coping* focado na emoção, porém, quando as situações são avaliadas como susceptíveis à resolução, podem direcionar suas estratégias para o *coping* focado no problema.

Podemos complementar dizendo, que, quando se utilizam as estratégias de *coping* focadas na emoção, as pessoas tendem a desenvolver ações paliativas com o objetivo de minimizar a angústia e reduzir os efeitos psicológicos diante do fato estressor. Esta estratégia serve para regular as respostas emocionais que o problema produz. Assim, as pessoas tendem a utilizar-se de condutas que possam modificar seu vínculo com a situação, ou seja, se trata de manejar, alterar e interpretar o acontecimento, tentando regular assim a resposta emocional ao estresse e modificar o significado do ocorrido. Como já foi dito, as pessoas podem utilizar esse tipo de estratégia quando acreditam que pouco ou nada possa ser feito para mudar a situação estressante ou quando crêem que os seus recursos são insuficientes para lidar com o acontecido.

As estratégias de *coping* focadas no problema tendem a ser utilizadas quando a situação é avaliada com possibilidade de resolução, ou seja, quando se acredita que há condições /recursos para resolver a situação estressante. Desse modo, existem uma tentativa e um esforço de mudar, resolver ou alterar a situação que desencadeou o estresse.

Estratégias de *coping* focados na emoção ou no problema não são tomadas como fenômenos estáticos e deterministas, podendo ser alteradas em conformidade com a situações estressantes e em diferentes momentos. Os estudos indicam que descrever o *coping* ocorrendo invariavelmente em um dos dois focos é um equívoco, pois ambas as estratégias são freqüentemente utilizadas em conjunto durante os eventos estressantes. Beresford (1994) enfatiza a noção de que o *coping* não pode ser visto como um processo simplificado, pois, que quando uma pessoa trata com um agente estressor, as estratégias de *coping* podem ser utilizadas de modo individual, consecutivo e em combinação.

3.3.3 Estratégias de *coping*, segundo o modelo de Lazarus e Folkman (1986)

Consoante o modelo proposto por Lazarus e Folkman (1986), o *coping* pode ser focado na emoção e no problema. Nas estratégias focadas na emoção, encontram-se afastamento, fuga e esquiva e reavaliação positiva. Já naquelas focadas no problema estão confronto, autocontrole, resolução de problemas e aceitação de responsabilidades. O suporte social pode estar focado tanto na emoção como no problema.

Descreveremos de modo sucinto as estratégias citadas:

Confronto

Esta pode ser descrita como esforços assertivos para alterar a situação. Sugere certo grau de agressividade e risco , pois requer ações diretas. Normalmente, escolhe-se este tipo de estratégia quando a pessoa opta por enfrentar diretamente o problema ou quem causa o problema.

Fuga e esquiva

Neste tipo de estratégia, a pessoa não pretende enfrentar diretamente a situação estressante mas sim escapar, evitá-la. Tende a afastar-se física e ou psicologicamente do problema. Pode ser utilizada quando se espera que a resolução do problema venha de algum fato externo, como, por exemplo, um milagre que ocorra e modifique a situação. Poderá utilizar condutas dos tipos uso de drogas, dormir mais do que o usual; fantasiar situações miraculosas (sempre considerando os diferentes contextos)

Resolução de problemas

A resolução de problemas pode ser definida como um esforço que se faz para solucionar a situação problemática mediante sua análise, tentando refletir sobre qual é a melhor maneira de resolvê-la, a fim de chegar à solução mais adequada.

Afastamento

Envolve distanciar-se psicologicamente do evento estressor. A pessoa pode atuar da seguinte forma: julga que o problema não tem importância, não leva a sério, ou seja, não dá a devida atenção ao problema, e poderá agir como se nada estivesse acontecendo.

Autocontrole

Pode ser definida como os esforços dirigidos para regular os próprios sentimentos. Desse modo, tende a procurar não compartilhar seus problemas com as outras pessoas e, conseqüentemente, procura não se precipitar em suas ações.

Busca de apoio social

Caracteriza-se pela procura de ajuda de outras pessoas quando se enfrentam situações estressantes. Segundo Lazarus e Folkman (1986), esse estratégia pode ser dirigido ao problema ou à emoção. Quando a opção de suporte social se dirige ao problema, pode significar que a busca é por motivos instrumentais, consistente em apoio material ou informacional, ou seja, o portador decide tentar ajuda com profissionais da área, pessoas que tenham conhecimento maior do assunto, de modo que, possa obter respostas mais adequadas para a situação. Se a busca de suporte social, porém, for focada na

emoção, a tendência é de que as pessoas compartilhem seus problemas, como também as emoções causadas por estes, com amigos e ou familiares. A literatura estudada mostra que há uma diferença de gênero presente nesta estratégia, pois são as mulheres que mais fazem uso do apoio social focado na emoção e os homens tendem a buscar com maior frequência o suporte social dirigido ao problema.

Reavaliação positiva

Consiste em fazer um esforço na tentativa dar um significado positivo para a situação estressante que a pessoa possa vivenciar e, conseqüentemente, potencializar o desenvolvimento pessoal. Assim, ela passa a não se lamentar com o problema, mas busca perceber quais as vantagens positivas em transitar por tal dificuldade e o que pode melhorar em si. Astorga (2005) cita Morán (2005), ao assinalar que as mulheres fazem uso mais significativo desta estratégia do que os homens.

Aceitação de responsabilidade

Pode ser descrita como a percepção que se tem da responsabilidade e participação sobre a situação vivenciada e tentando-se assim, verificar como se pode resolvê-la, utilizando os recursos de que se dispõe.

No presente trabalho, como descrito, enfatizamos a teoria de Lazarus e Folkman (1984) para abordar as estratégias utilizadas pelos profissionais autônomos na contemporaneidade, há pouco apontadas, no tentame de fazer um paralelo com a processualidade do mundo do trabalho e suas implicações para a vida desse trabalhador, que a cada dia se torna mais exposto a condições desfavoráveis no ambiente laboral precário. Procuramos identificar como este trabalhador está lidando com a situação atual, em sua realidade laboral. Não trabalhamos com estilos de *coping*, ou seja, não imprimimos

ênfase a traços de personalidade, embora tenhamos a clareza de que, no processo que se estende desde a exposição da pessoa às situações de estresse, avaliação que esta faz destas e a forma encontrada para respondê-las, existem componentes individuais presentes, além das condições socioeconômicas. Optamos por trabalhar com estratégias, pois estamos mais interessada em verificar o fenômeno sob a perspectiva de grupo e compreender o caráter social do funcionamento psicológico, ou seja, estudar a elaboração do comportamento humano, considerando o nível histórico onde esta sendo produzido. Considerando que os fenômenos se constituem por serem elaborados por indivíduos na interação com o meio. Desse modo, priorizamos uma categoria profissional específica - a dos profissionais autônomos do setor de turismo que trabalham com transporte. Tencionamos narrar, embora de modo inacabado, a maneira como esses profissionais lidam com suas realidades laborais.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo como território de base a Psicologia Social e com a finalidade de atingir os objetivos propostos, tomamos como referencial as teorias do estresse e a articulação destas com os aspectos sócio-históricos envolvidos no fenômeno. Fizemos uso da abordagem quantitativa de pesquisa, por termos como propósito aprofundarmo-nos no mundo dos significados do fenômeno em questão. Para Minayo (1994, p.21-22) a pesquisa qualitativa responde as questões particulares, "(...) Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos (...)". Optamos por trabalhar com esta abordagem por acreditarmos que, para o presente trabalho, pôde nos conduzir a melhores resultados. Dividimos a pesquisa em dois momentos, o primeiro, no qual tentamos detectar o nível de estresse envolvido no processo de cada profissional e partimos para a segunda etapa, onde buscamos verificar a presença da precarização laboral e como cada um lida com sua realidade de trabalho, que estratégias utilizam, no contexto do trabalho informal. Fizemos uso do conceito de *coping* por aproximação, ou seja, dentro dos modelos teóricos em curso, optando pelo referencial do Lazarus e Folkman (1986) que nomeia oito estratégias, que são: confronto, afastamento, autocontrole, suporte social, aceitação de responsabilidade, fuga e esquiva, resolução de problemas e reavaliação positiva. Nesse grupo de estratégias, estão tanto aquelas focadas na emoção como também no problema, podendo estas interagir, ou seja, o uso de uma estratégia não exclui o emprego de outras, podendo ser utilizadas em conjunto. Desse modo, diligenciamos no sentido de proporcionar "uma visibilidade progressiva sobre o sistema estudado, sem, no entanto, esgotarem-no". (GONZÁLEZ-REY, 2005; p. 89).

Este estudo é de natureza exploratória, pois tenta descobrir / verificar a relação entre os fenômenos – realidade laboral, precarização no contexto da informalidade, estresse e estratégias de enfrentamento, utilizados pelos participantes do grupo em estudo.

Por se tratar de estudo, qualitativo, podemos entrar em contato de maneira mais aprofundada e completa, objetivando compreender o fenômeno psicológico de modo particularizado, no contexto sócio-histórico onde este está inserido. Fenômeno psicológico aqui é visto como o resultado de uma construção social do sujeito, de modo que a intersubjetividade é convertida no plano de um desenvolvimento, em um contexto intra-subjetivo, indicando desse modo uma forma de abordar a relação indivíduo-sociedade, segundo a visão de Gonçalves et alii (1999). Desse modo, o “ homem que se constitui numa relação dialética com o social e a história, um homem que, ao mesmo tempo, é uma relação de exclusão e inclusão, ou seja, ao mesmo tempo em que se distingue da realidade social, não se dilui nela, uma vez que são diferentes.” (AGUIAR, 1999; p. 129).

4.1 Participantes

Participaram desta pesquisa, na qualidade de sujeitos, trabalhadores autônomos operadores de transporte de turismo da cidade de Fortaleza, que têm como ponto de apoio para venda de seus serviços a orla marítima, mais especificamente no trecho que se estende da avenida Beira-Mar à avenida Historiador Raimundo Girão. Este grupo traz como característica a diversidade em sua constituição, ou seja, se apresenta de modo heterogêneo com relação ao seu percurso histórico. Isto porque alguns operadores iniciaram seu trabalho nesta atividade como profissionais autônomos, ao mesmo tempo em que eram donos de seus carros, bem como guias e motoristas, porém, ao

longo dos anos, passaram a ter dois ou três veículos e contrataram outros profissionais para lhes dar apoio, enquanto outros permanecem com um só veículo, porém trabalham como guias e vendedores externos, outros, ainda, trabalham como locadoras, embora desempenhem atividades semelhantes às dos operadores de transporte de turismo. Há aproximadamente dois anos surgiu a iniciativa do grupo de formar uma associação, atualmente com a denominação de AMAR – Associação dos Operadores de Transporte de Turismo da Beira-Mar, à qual estão associados alguns dos operadores, ou seja, nem todos os profissionais que exercem a atividades de operador de transporte de turismo participam da AMAR. A associação é juridicamente composta, tem um presidente eleito pelo grupo. No momento, não dispõe de um local físico onde possam ser realizadas reuniões e outras atividades, revelando dificuldades visíveis de coesão. Alguns critérios estão sendo discutidos a fim de selecionarem quem efetivamente pode fazer parte da associação, como, por exemplo: tamanho o veículo, número de carros que tem o proprietário, pois a princípio só devem fazer parte da Associação aqueles que possuem somente um veículo. Com essa heterogeneidade, participaram deste estudo 15 trabalhadores, tendo como parâmetro de escolha aqueles que hoje estão nesta categoria de autônomo e que têm como principal fonte de renda o trabalho informal, no setor de turismo, sendo ao mesmo tempo donos do seu veículo, vendedores de seus serviços, guias turísticos e motoristas. A aproximação do grupo de referência ocorreu, inicialmente, de modo aleatório, seguida de indicações, efeito cascata, buscando atender ao perfil básico esperado. Outro fator relevante para escolha dos participantes foi a presença deles em seus locais de trabalho (ponto de apoio de venda de seus serviços), porquanto destacam-se como suas características a mobilidade e a fluidez dos pontos de apoio, bem como a inconstância de estarem diariamente na Beira-Mar. Ao serem abordados, realizamos os primeiros contatos com alguns dos possíveis participantes da pesquisa, fazendo nossa breve apresentação, sobre o cenário geral da pesquisa, ou seja, o tema e ensaios sobre as condições do trabalho informal,

processo de estresse e as possíveis maneiras de lidar com tais situações. Nesse momento, inserimos, mesmo de modo superficial, o conceito de *coping*. Objetivamos com tais contatos iniciais abrir um canal de comunicação e criar um clima de empatia com o grupo participante, bem assim também saber mais sobre o contexto de trabalho vivenciado por eles. Após havê-los abordado de início, observamos uma predisposição desses profissionais abordados em colaborar com a pesquisa, tendo sido, então, nesse momento, convidados a participar do estudo. Foram expostas a metodologia da pesquisa e seus objetivos, deixando claro que haveria dois momentos: o primeiro, de aplicação do inventário de sintomas de estresse para Adulto de Lipp – ISSL, e, em seguida a realização de uma entrevista individual. Os 15 profissionais contatados aceitaram participar da pesquisa, mas um deles declinou de fazer parte da segunda etapa – a entrevista.

Um resumo sobre as características sociodemográficas do grupo estudado (os nomes são fictícios) é apresentado na Tabela 2. Este grupo é composto somente pelo gênero masculino.

TABELA 2
Características Sociodemográficas do Grupo.

Ordem	Identificação	Idade	Escolaridade	Estado civil	Única fonte de renda	Tempo como autônomo	Tempo na atividade atual	Vindos do setor formal	Vindos do setor informal
1	Adriano	40	Superior Inc.	Casado	Sim	7 anos	7 anos	Sim	Não
2	Aroldo	42	Ens. Médio	Separado	Sim	6 anos	6 anos	Sim	Não
3	Carlos	43	Ens. Médio	Casado	Não	Sempre foi autônomo	10 anos	Não	Sim
4	Célio	44	Ens. Médio	Separado	Sim	Sempre foi autônomo	6 anos	Não	Sim
5	Denis	45	Ens.médio Incompleto	Solteiro	Não	Sempre foi autônomo	6 anos	Não	Sim
6	Danilo	46	Superior	Casado	Sim	11 anos	11 anos	Sim	Não
7	Dimas	47	Superior	Casado	Sim	7 anos	7 anos	Sim	Não
8	Emílio	47	Ensino Fundamental	Separado	Sim	6 anos	6 anos	Sim	Não
9	Eduardo	49	Superior Inc.	Casado	Sim	10 anos	10 anos	Sim	Não
10	Felipe	51	Ens. Médio	Casado	Sim	Sempre foi autônomo	10 anos	Não	Sim
11	Flávio	51	Ensino Fundamental	Casado	Sim	Sempre foi autônomo	9 anos	Não	Sim
12	Marcelo	52	Superior	Casado	Sim	9 anos	9 anos	Sim	Não
13	Maurício	54	Superior	Casado	Sim	10 anos	10 anos	Sim	Não
14	Osmar	57	Superior Inc.	Solteiro	Não	7 anos	7 anos	Sim	Não
15	Sávio	63	Ens. Médio	Casado	Não	Sempre foi autônomo	6 anos	Não	Sim

Fonte : elaboração própria

Como podemos observar a idade dos participantes está entre o intervalo de 40 a 63 anos, a grande maioria casados, com escolaridade que varia do ensino fundamental ao superior; dos quatro que apresentaram graduação, dois são agrônomos, um administrador e outro contador, já com a graduação incompleta, um é da área de agronomia, e dois de administração. O tempo de permanência na atividade varia de 6 a 11 anos. Foi constatado que aqueles que são casados, em sua maioria, com exceção de Marcelo, todas as esposas trabalham fora e contribuem com o orçamento familiar. Com relação ao setor do qual vieram, antes de ingressarem no turismo / informalidade, nove vieram do setor formal da economia, ou seja, profissionais que trabalhavam com carteira assinada. Seis deles sempre trabalharam no setor informal, como profissionais autônomos embora em outros seguimentos, quatro deles como motoristas de táxi, um como proprietário de um pequeno negócio, outro como cantor profissional e outro como proprietário de uma pequena escola e de uma distribuidora de livros.

4.2 Local

A pesquisa foi realizada na orla marítima de Fortaleza, no trecho que se estende da avenida Beira – Mar (nas proximidades do Clube do Náutico) à avenida Historiador Raimundo Girão (em frente do Ideal Clube), local de ponto de apoio onde os veículos ficam estacionados, área convencionalmente destinada a esta atividade, com o objetivo de vender seus serviços, que ocorre geralmente no horário noturno. Os profissionais ficam distribuídos mais ou menos nos mesmos locais, ou seja, localizam-se normalmente em uma faixa espacial próxima. Nesse local, trabalham aproximadamente 40 operadores de turismo, porém, pela fluidez e mobilidade, características inerentes ao seu trabalho, diariamente, é mais comum encontrarmos aproximadamente de 15 a 20 veículos estacionados. A aplicação dos inventários e as entrevistas foram realizadas nestes pontos já citados, dentro dos veículos do próprio profissional que estava participando da pesquisa ou de colegas

também participantes e outras vezes em local tranquilo, nas imediações, sendo preservadas as condições mínimas exigidas para aplicação do inventário.

4.3 Instrumentos/ material

Utilizamos neste estudo um gravador de fitas cassete, o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos, de Lipp - ISSL- (2000), um roteiro de entrevista e o Termo de Consentimento exigido pelo Conselho de Ética, bem como pela Resolução número 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (MS- Brasil), que regula pesquisas com seres humanos, sob as referências básicas da Bioética – autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça /equidade.

4.4 Procedimentos para Coleta de Dados

Dividimos a pesquisa em dois momentos, o primeiro, no qual aplicamos individualmente o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos, de Lipp (ISSL), (2000). Composto por 23 itens, visa a identificar de forma objetiva a sintomatologia que o trabalhador possa vir a apresentar, analisando se este mostra sintomas de estresse, e qual ou quais os sintomas (se somático e ou psicológico). O inventário é baseado no modelo quadrifásico do estresse, anteriormente tendo como referência o modelo de Selye (1984), que se reporta a três fases do estresse (alarme, resistência e exaustão). Lipp (2000), contudo, após alguns anos de estudo, constatou em suas pesquisas que há uma fase entre a resistência e a exaustão, tendo-a denominado de quase-exaustão, incluindo, então esta fase no ISSL, que substitui, assim, o Inventário de Sintomas de Stress (ISS), da versão original da autora, que dividia o processo de estresse em três fases. Segundo Lipp (2000), o ISS continua tendo validade, visto que a base dos conceitos teóricos de ambos é a mesma, no entanto, a versão atual é um aprimoramento na interpretação do primeiro. O ISSL foi estruturado para avaliar o nível de estresse da população em geral, sendo utilizadas técnicas

estatísticas adequadas para calcular a confiabilidade e a consistência do instrumento, visto que a confiabilidade mede o grau de acerto da medida verdadeira em relação ao erro, ou seja, a probabilidade de um intervalo conter o verdadeiro valor do parâmetro. O Coeficiente Alfa – medida que avalia o nível de confiança - varia entre 0 e 1. Quando este parâmetro tende para zero, significa que os itens do instrumento tendem ao erro, sendo que o coeficiente encontrado foi de 0,9121, o que representa alta confiabilidade do instrumento. Os itens compreendem o verdadeiro valor para o conceito proposto - medir níveis de estresse (LIPP, 2000). Já a consistência do instrumento é uma medição de como variam os resultados desse instrumento.

A aplicação individual foi feita com 15 participantes. Cada aplicação demorava, em média, 20 minutos, tendo sido todas realizadas no período de 23 novembro a 21 de dezembro de 2006. Durante a aplicação, alguns participantes, após as explicações iniciais, preferiam a auto-aplicação, porém outros optaram por ter a nossa ajuda, ou seja, foi lido por nós em voz alta e respondido verbalmente pelo participante, anotadas as respostas por nós. Esses procedimentos – cumpre-nos explicar - são aceitos na orientação de aplicação do inventário, constituindo comum prática no desenvolvimento de investigações de igual natureza. Após a aplicação, foi feita a correção do inventário segundo os critério de Lipp (2000). Dessa ocasião em diante, fizemos um corte, tendo como parâmetro os níveis de estresse significativos encontrados conforme a escala de Lipp (2000). Aproveitamos a aplicação do inventário e fizemos o levantamento sociodemográfico, que nos ajudou na seleção dos participantes para a próxima etapa, a da entrevista, tendo como parâmetro de escolha trabalhadores que apresentaram estresse, segundo o Inventário, e que tivesse como principal fonte de renda o trabalho informal no setor de turismo, sendo ao mesmo tempo donos do seu carro, vendedores de seus serviços, guias turísticos e motoristas, como explicitado anteriormente. Desse modo pré -selecionamos sete participantes para a próxima etapa, seguindo o critério de presença de estresse em seus inventários.

Utilizamos este instrumento como uma forma diferenciada de expressão dos participantes, adquirindo um sentido subjetivo no contexto social, facilitando e estimulando a reflexão acerca do estresse vivenciado por alguns. Utilizamos este instrumento como forma interativa.

Escolhemos trabalhar com a combinação desses instrumentos – inventário e entrevista - por acreditarmos nos pressupostos de González-Rey (2005), de que instrumentos diferentes podem permitir que os sujeitos descentalizem os sentidos subjetivos manifestados diante do instrumento, ampliando a possibilidade do surgimento de novos instantes de produção de sentido, que tendem ao desenvolvimento de novas informações.

Demos, então, continuidade ao trabalho, ao iniciar o segundo momento da pesquisa. Essa fase conteve uma entrevista individual, semi-estruturada, realizada com sete participantes, dos quais seis estavam dentro dos critérios predeterminados, ou seja, foi detectada nos seus inventários presença de estresse. O sétimo entrevistado não apresentou estresse no resultado de seu inventário, porém, como este é o Presidente da Associação dos Operadores de Turismo da Beira-Mar – AMAR – achamos de primordial importância a sua participação na segunda fase também. A entrevista aqui foi utilizada como técnica importante, que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas, comunicação bilateral. (RICHARDSON, 1989). Para Aguiar (1999) compreender o que o outro diz não é somente entender suas palavras, é necessário compreender seu pensamento, ou seja, decodificar o significado da fala. Portanto, é essencial darmos espaço na entrevista a uma dinâmica que favoreça o diálogo, pois o pesquisador precisa entender que o sentido da informação “será dado pelo envolvimento do sujeito na conversação, na qual transcendem, constantemente, os limites de sua intencionalidade consciente” (GONZÁLEZ-REY, 2005; p. 127). As entrevistas desenvolveram-se

segundo o roteiro (apêndice), seguindo a lógica do entrevistado, contendo questões abertas referentes a temas previamente definidos, sem obedecer a uma seqüência rígida e sim de modo flexível, conduzidas conforme o fluxo verbal expressado pelo trabalhador. As entrevistas foram realizadas conforme a disponibilidade dos trabalhadores, tiveram a duração média de 30 a 60 minutos e foram realizadas no período compreendido entre 27 de dezembro de 2006 a 21 de fevereiro de 2007, todas gravadas e transcritas integralmente, segundo a autorização dos participantes da investigação.

Incluimos em nosso roteiro questões ligadas a: passagem para a atividade atual; fatores que contribuíram para trabalhar como autônomos; descrição do trabalho, dificuldades encontradas no dia-a-dia; avaliação de como é militar no mercado informal; percepção de estresse em seu trabalho; fatores que levam ao estresse laboral; e formas de lidar com as situações difíceis. Tendo como base o conceito de *coping*, os oito fatores seguiram a referência de Folkman e Lazarus (1980), que são: confronto, fuga e esquiva, afastamento, reavaliação positiva, aceitação de responsabilidades, resolução de problemas, suporte social e autocontrole.

Apresentamos no quadro 1 os temas abordados e as questões correspondentes a cada um deles.

Quadro 1

Temas e Questões

TEMA	QUESTÕES
Ingresso na atividade atual	Tipo de trabalho que realizava anteriormente; o porquê de ter ingressado no turismo; quais os fatores que favoreceram sua decisão.
Fatores que contribuíram para trabalhar como autônomo	Possíveis vantagens de ser profissional autônomo; fatores que pesaram na hora da “escolha”; fatores socioeconômicos e culturais que influenciaram a decisão, na época.
Descrição do trabalho	Rotina das atividades desenvolvidas; os procedimentos, as condições e a carga horária de trabalho; períodos de trabalho durante o ano; instrumentos de trabalho; relacionamento com os colegas da mesma profissão.
Dificuldades encontradas no dia-a-dia	Pontos considerados de maiores dificuldades; pontos de manejo difícil .
Avaliação de como é trabalhar no mercado informal	Vantagens e desvantagens percebidas; percurso desde o início das atividades até os dias atuais, que vem mudando.
Percepção do estresse no seu trabalho	Consideram seu trabalho estressante o porquê do trabalho estressante; quais os fatores que mais causam /levam ao estresse.

<p>Formas de lidar com as situações estressantes / Estratégias de <i>coping</i></p>	<p>Buscou identificar de um modo geral como se lida com o situações que favorecem o estresse; enfrentar diretamente o problema ou a pessoal que causa o problema; afasta-se fisicamente e ou psicologicamente do problema; analisa a responsabilidade e sua participação no contexto de trabalho; compartilha seus problemas com alguém; busca apoio social; vê o significado positivo quando estar passando por alguma dificuldade; quais as ações que realiza para tentar melhorar seu bem-estar físico e psicológico no seu trabalho.</p>
---	--

4.5 Procedimentos para a análise dos resultados

Para facilitar a análise das informações obtidas por meio do inventário, seguimos o método de correção, proposto por Lipp (2000). Tentamos estabelecer as relações que nos foi apresentada pelo inventário com questões sociodemográficas e com algumas perguntas suscitadas nas entrevistas.

Para análise do resultados das entrevistas, empregamos a análise de conteúdo (de corte semântico), tendo como referência os pressupostos de Laurence Bardin, que compreende a análise de conteúdo como

(...)o conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistêmicos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção /recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN,1977; p. 42)

Tendo em mão as transcrições das entrevistas gravadas e o diário de campo, iniciamos os procedimentos, familiarizando-nos com os textos resultantes das gravações, que, por serem relatos extensos, implicaram a realização de releituras .

Em seguida, optamos por trabalhar com o teor das entrevistas em dois momentos, no primeiro dos quais procedemos à análise categorial temática, pois acreditamos que pôde nos proporcionar uma investigação dos temas, que se consistiu no desmembramento do texto em unidades e que pôde ser aplicado de modo rápido e eficaz “a discursos diretos, significações manifestas e simples”. (BARDIN,1977, p.153). Os temas foram categorizados pela semelhança de significado semântico e lógico. Assim, cada entrevista foi lida e, após a leitura ocorreu a marcação das verbalizações que tinham semelhança com os temas, podendo então serem classificados e definidos por categorias . Na segunda ocasião, as entrevistas foram analisadas e feitas as inferências - trabalhando com os indicadores apresentados, complementados pelo diário de campo, onde foram registradas, aparência física, postura corporal, modo de falar, tom de voz, expressões faciais, dúvidas, surpresas. (...) - das estratégias de *coping*, segundo o modelo de Folkman e Lazarus (1984).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Análise dos resultados dos inventários

Os resultados encontrados com relação à presença de estresse, após a correção dos inventários aplicados aos 15 participantes, estão representados na tabela 3. Podemos constatar que o número de trabalhadores do grupo estudado que apresentaram estresse foi duas vezes maior do que aqueles que não apresentaram.

Tabela 3

Presença de Estresse

Estresse	Número
Sem estresse	5
Com estresse	10
Total	15

Fonte: elaboração própria

Descrevemos a seguir algumas evidências encontradas que nos levaram a traçar uma análise mais detalhada do grupo pesquisado. Assim, alguns aspectos foram tomados como critérios ilustrativos, num mapeamento dos principais dados sociodemográficos com relação à presença de estresse dentro do grupo estudado.

Ao estabelecermos a relação da presença de estresse com a idade dos trabalhadores, verificamos que houve a prevalência maior de estresse na faixa-etária de 40 – 43 anos. Com relação ao estado civil, os dados nos mostraram que o estresse entre aqueles casados é menor do que entre aqueles não casados. Ao visualizar a relação entre o fator única fonte de renda à presença de estresse, observamos que esta é maior entre o grupo que tem no trabalho como operador de turismo sua única fonte de renda. Ao fazermos a relação entre a presença de estresse com o setor que antecedeu a atividade atual em que se encontram esses trabalhadores, há uma tendência do grupo

analisado de que aqueles vindos do setor formal apresentaram prevalência maior de estresse. Com relação ao tempo em que trabalham com turismo, predominou a presença de estresse naqueles profissionais que trabalham há mais tempo neste setor.

Apresentamos os dados obtidos entre os participantes com relação à presença de estresse e a fase em que se encontram, na tabela 4, onde podemos constatar que todos os 10 trabalhadores que apresentaram estresse em seus inventários estão na mesma fase, ou seja, de resistência, que, segundo Lipp (2000), advém da fase de alerta mantida por muito tempo ou de novos estressores acumulados aos existentes, fazendo com que o organismo entre em ação para impedir o desgaste total de energia, ingressando então, na fase de resistência, na qual se tenta resistir aos estressores e inconscientemente reestabelecer o equilíbrio interior alterado no período de alerta. A produtividade tende a cair muito nessa fase e a pessoa pode ficar mais vulnerável física e psicologicamente. Podemos observar que o grupo pesquisado apresenta indícios de cansaço, desmotivação e dificuldade de lidar com as situações de um modo geral, É como se estivessem num círculo de repetições sem conseguir visualizar as possíveis saídas. Alguns apresentaram sintomas físicos (pressão alta, nível de triglicerídios alterado) e psicológicos (indícios de depressão, desânimo, falta de esperança, isolamento), porém continuam exercendo suas atividades.

Tabela 4

Participantes Com e Sem Estresse por Fase

Participantes	Sem estresse	Com estresse				Total
		Alerta	Resistência	Quase-exaustão	Exaustão	
15	5	----- ---	10	-----	-----	10

Fonte: elaboração própria

Em seguida, vemos na tabela 5 o perfil sociodemográfico dos trabalhadores, acompanhado de seus respectivos resultados referentes à presença de estresse, fase em que se encontram e prevalência de sintomas. O Objetivo é dar maior amplitude /visibilidade aos resultados.

Tabela 5

Presença de Estresse, segundo a Fase e a Sintomatologia, de acordo com o Perfil Sociodemográfico .

Ordem	Ident.	Idade	Escol.	Est. civil	Uni. Fonte de renda	Tempo como auton.	Tempo no setor de turismo	Vindos do setor formal	Vindos do setor informal	Presença de estresse	Fase do estresse	Sintoma alegado
1	Adriano	40	Sup.inc	cas.	Sim	7anos	7anos	Sim	Não	sim	Resist.	Psic.
2	Aroldo	42	E.Méd.	Sep.	Sim	6 anos	6anos	Sim	Não	sim	Resist.	Psic.
3	Carlos	43	E.Méd.	Cas.	Não	Semp.	10anos	Não	Sim	sim	Resist.	Físic.
4	Célio	44	E.Méd.	Sep.	Sim	Semp.	6 anos	Não	Sim	sim	Resist.	Físic.
8	Emílio	47	Fund.	Sep.	Sim	6anos	6anos	Sim	Não	sim	Resist.	Psic.
9	Edu	49	Sup.inc	Cas.	Sim	10anos	10anos	Sim	Não	sim	Resist.	Psic.
10	Felipe	51	E.Méd.	Cas.	Sim	Semp.	10anos	Não	Sim	sim	Resist.	Físic.
12	Marc.	52	Sup.	Cas.	Sim	9anos	9anos	Sim	Não	sim	Resist.	F.+P.
13	Maur.	54	Sup.	Cas.	Sim	10anos	10anos	Sim	Não	sim	Resist.	Físic.
14	Osmar	57	Sup.inc	Sol.	Não	6anos	6anos	Sim	Não	sim	Resist.	Psic.

Fonte: elaboração própria

5.2 Análise dos resultados das entrevistas

Conforme o resultado da análise de conteúdo das entrevistas individuais, chegamos às quatro categorias apresentadas a seguir, no quadro 2. Apresentamos inicialmente a precarização encontrada na realidade laboral, vivenciada pelos participantes do estudo, com os indicadores que mais se destacaram. Em seguida, mostramos como alguns destes indicadores afetam a subjetividade destes trabalhadores. Partimos, então, para o processo de estresse, no qual analisamos os principais fatores que levam estes profissionais ao estresse, e, logo em seguida, apresentamos quais as estratégias de *coping* utilizadas em seu contexto de trabalho, que mais se sobressaíram.

Quadro 2

Categorias e Indicadores

Categorias	Indicadores
Precarização do trabalho	<ul style="list-style-type: none">• Polivalência / intensificação do trabalho;• indeterminação e instabilidade;• modernização das condições de trabalho (equipamentos);• ampliação do setor de serviço e crescimento do setor informal;• competitividade;• desemprego estrutural;• mídia/ procura de novos nichos de mercado.

<p>Efeitos da precarização sobre a subjetividade do trabalhador</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Individualismo/ indiferença/ falta de ética; • competitividade; • dificuldade de uma mobilização coletiva; • falta de condições de criar uma narrativa de vida linear/ imediatismo.
<p>Processo de estresse</p>	<p>Exposição constante e prolongada a fatores estressantes como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • superficialidade nos relacionamentos profissionais; • instabilidade profissional; • aspectos temporais / muito tempo “sem trabalhar”; • crise econômica / crise estrutural; • sobrecarga de trabalho – quantitativo e qualitativo; • competitividade /concorrência.
<p>Estratégias de <i>coping</i> – formas de lidar com o estresse</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Confronto; • fuga e esquiva; • afastamento; • resolução de problemas; • autocontrole; • busca de apoio social; • reavaliação positiva; • aceitação de responsabilidade.

Na seqüência , apontamos os sete indicadores da precarização do trabalho descritos a seguir.

O primeiro é a polivalência, que se refere ao acúmulo de atividades e de papéis que os operadores de transporte de turismo precisam realizar para desenvolver seu trabalho. Verificamos que, ao mesmo tempo em que são proprietários dos seus carros, vendem seus serviços, são motoristas e guias turísticos . Como donos de seus carros, são responsáveis pela manutenção deles em vários sentidos, como pagamento de impostos, revisão periódica da parte mecânica, compra de equipamentos etc. Já como vendedores, essa atividade inclui abordar clientes individualmente e, a partir de então, tentar formar um grupo que seja possível conduzir, ou seja, que tenha o mínimo de lucratividade. Quando isto não é conseguido, este profissional precisa repassar estes clientes para outro colega, fechar “pacotes”. Estas atividades normalmente são executadas no período da noite, porém, pela manhã, logo cedo, se algum turista desistir do passeio, quando o grupo já é pequeno, a transferência de clientes precisa ser feita pela manhã, no intervalo aproximadamente até as 7h30min da manhã, pois é o horário aproximado em que se recolhem os clientes. Quando não se consegue transferir o cliente para outro carro, a “solução” é sair mesmo com prejuízo. Com a atribuição de motorista, é necessário cuidar então da manutenção do carro de modo preventivo e de limpeza e conduzindo os turistas ao destino combinado, levando-os para hotéis e restaurantes e os trazendo de volta no final da tarde. Como guias turísticos, precisam orientar os clientes quanto aos pontos turísticos, história da população e de lugares, tentar comunicar-se com turistas, muitas vezes estrangeiros, pois muitos não trabalham com guias e exercem eles próprios essa função. Assim, a polivalência evidencia a intensificação do trabalho, que é uma das características da precarização laboral.

Esta realidade faz refletir de certa forma sobre a colocação de Coriat (1992) citado por Antunes (2003), que se reporta à “*desespecialização e polivalência* dos operários profissionais e

qualificados, transformado-os em *trabalhadores multifuncionais* (ANTUNES, pág. 34). Embora esta citação seja referida ao trabalhador fabril, e ligado ao toyotismo, sabemos que este sistema se *ocidentalizou*, segundo Antunes, (2003), transpondo os muros das fábricas, passando então a ditar seus pressupostos /premissas em vários setores. Desse modo, podemos observar esta realidade no setor de serviços, pois este é uma “extensão” da realidade que ocorre atualmente no mundo do trabalho, de modo geral, a precarização está cada vez mais freqüente, intensificando a exploração do trabalhador.

Destacamos alguns trechos das entrevistas, para evidenciar o que está sendo colocado:

Carlos: *“(..) eu trabalho assim com grupos, e eu falo um pouquinho de inglês, aí então eu tenho uma facilidade boa, de pegar muitos grupos assim estrangeiros, então eu já posso cobrar um pouco mais e já compensa o tempo, às vezes, em que eu fico parado,(...) tô indo com o carro e também indo como guia deles, um tradutor no caso.*

Adriano: *“(..) é praticamente o dia inteiro, né, você tá na praia, você tem que dá assistência ao turista, você tem que informar, você tem que isso e aquilo e tal, na hora do almoço, o passeio e coisa e tal e a noite tentar vender para o dia seguinte. Quando você já tem um pacote fechado durante a semana tudo bem, você a noite pode até dá uma descansada, ir pra casa, relaxar, tomar um banho. Mas normalmente, principalmente na baixa temporada isso não acontece muito não. Tem que vir pra cá, ralar mesmo.”*

Dimas: *“(..) nós aqui somos tudo; vendedor, motorista, guia e o que você imaginar.*

A indeterminação / instabilidade é o segundo indicador apontado como a falta de condição do setor para aqueles que vivem deste trabalho, o mínimo de programação de suas atividades e retorno financeiro advindo destas, pois este setor tem como uma de suas características a sazonalidade, ou seja, eles trabalham em períodos de

alto e baixo volume de atividades, distribuídos ao longo do ano. Há meses em que há um número maior de turistas no Estado, período denominado como alta estação; em contrapartida, outros são chamados de baixa estação, quando o fluxo de turistas é bastante restrito. A alta estação é relacionada ao período de férias, nos meses de janeiro e julho com grande fluxo de turistas brasileiros; setembro, que equivale às férias dos europeus, e outubro e novembro, caracterizados como os meses em que há mais congressos em Fortaleza (avaliados pelos profissionais da área também como meses bons). Os outros meses são considerados de baixa estação e, conseqüentemente, acompanhados por uma diminuição das atividades e, conseqüentemente, do rendimento. Outra característica deste setor é o fato de que trabalham no dia anterior para ganhar no dia seguinte, ou seja, ganham por dia; assim, se não conseguirem “agendar” nada naquele dia, ficam sem trabalho até conseguir fechar a venda com algum grupo. Como trabalham sem nenhum tipo de vínculo, são profissionais autônomos, fica muito difícil garantir qualquer tipo de estabilidade e previsibilidade.

Alguns trechos das entrevistas são citados:

Emílio: *“(...)Negativo que você não, não tendo um salário fixo ou uma venda fixa você, pra você é muito difícil, e se o carro fica na manutenção muitos dias, é, não significa que você não pode fazer, mais fica mas complicado, mais difícil, por que você não conta com dinheiro fixo todo mês”.*

Aroldo: *“É isso aí é ruim, esse lado, é ruim. Isso é chato, isso aí é chato, você trabalha hoje aqui, quando você pega um pacote, você sabe que a semana vai ser boa, mas quando você pega um dia só, e não sabe se vai ter trabalho no outro dia ou não, aí fica ruim pra você, você fica estressando, fica pensando, será que vai aparecer ou não vai, ai perturba sua cabeça. (...)”*

Carlos: *“ (...) de um passeio pra outro, por exemplo tem amigos aqui que passam dez dias sem pegar serviço, e vem todos os dias, pra arriscar, né.”*

Maurício: “(...) *essa instabilidade do , de, do nosso cliente né, é que o turismo ele passa por uma fase chamada sazonalidade, então essa maré que sobe e desce, que você tem, esse período do ano, que você ganha bem , que é a alta estação, a nível de Brasil e de mundo o turismo é assim, né?*”

A modernização das condições de trabalho (equipamentos) apresenta-se como o terceiro indicador, podendo ser vista, dentro da realidade deste grupo, como a entrada no mercado de carros maiores, com tecnologia mais moderna, maior conforto, *designer* mais avançado e maior segurança, trazendo como uma de suas conseqüências a maior competitividade dentro do setor; isto porque os carros maiores, adquiridos por uma pequena parcela do grupo, proporciona um maior conforto ao cliente, de um modo geral, e chamando mais a atenção destes na hora de optar por qual carro este quer fazer o passeio. Com a chegada destes novos veículos ao mercado, alguns profissionais submeteram-se a estratégias de compra arriscadas, ou seja, a forma como os adquiriram pode ser avaliada como perigosa, pois chegaram a vender, em alguns casos, até a própria casa onde moravam para ter este bem, mais caro, na expectativa de tornarem-se mais competitivos. Ficam submetidos, então muitas vezes, a pagar prestações relativamente altas para o padrão de trabalho que realizam, de R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000, 00 mensais, em um longo financiamento. Assim, muitos destes trabalhadores, ao adquirirem estes carros, embora tenham como objetivo principal o maior crescimento de seu “negócio”, ficam muitas vezes endividados, reféns de taxas de juros elevadas e correndo o risco de perder seus carros para o banco caso não possam cumprir seu compromisso de pagamento. Tornam-se, deste modo, trabalhadores dentro do círculo de precarização ainda mais intenso, pois seguem a máxima de que a competitividade está profundamente atrelada à tecnologia e ao investimento pesado nos equipamentos de produção.

A seguir, alguns trechos das entrevistas que evidenciam estas colocações:

Dimas: “(...)alguns foram financiados, outros se associaram, outros venderam a casa. Quem financiou esses carros têm uma preocupação muito grande em pagar a prestação? (...)o carro maior vai agendar muito mais passeios. 90% vão para o carro grande, os outros pequenos ficam em desvantagem.”

Aroldo: “(...)aí você vai se comprometer a pagar X por mês, ou dividir o serviço, aí por isso acontecer, por exemplo, por agente comprar carro novo o serviço não vai aumentar tanto, que eu vejo carro novo aí fazendo serviço bem baratinho para as agências e com certeza mais um novo não vai aumentar o preço, vai é baixar por que você vai ficar tentando vender o serviço e pra não perder o serviço vai baixar preço, por que precisa apurar e acaba atrapalhando. É melhor conseguir seis pessoas do que doze. Não é verdade? E assim pra você conseguir doze, vai ter que lutar mais, pra conseguir os doze e seis, às vezes, paga o preço que vai doze, eu trabalho mais nessa assim. Pegar um grupo, não precisa ser grande, mas que pague um preço razoável, que dê pra ir e vir e eu tirar o meu.”

Adriano: “ Mas realmente, pro carros menores, o aparecimento do carro maior, complicou, viu. Tá entendendo, realmente complicou, principalmente estes que param na beira da praia. Você pode chegar lá e perguntar um carro daquele pequeno que ele vai dizer a mesma coisa, complicou.”

O quarto indicador apresentado é a ampliação do setor de serviço e o crescimento do setor informal, que corresponde ao crescimento do setor de turismo, acontecendo no Ceará, desde o final da década de 1990, constatado a partir das declarações do grupo pesquisado, os operadores de transporte de turismo de Fortaleza. Observa-se que este setor cresceu muito nos últimos anos, porém o crescimento está sendo entendido aqui como a variedade de serviços implantados, como, por exemplo, o aumento significativo do número de agências de turismo no Ceará. Questionamos se esse crescimento apresenta bases para um desenvolvimento sólido, pois o discurso dos trabalhadores está repleto de pontuações, onde se verifica que não há uma preocupação real com as questões primordiais de

infra-estrutura da cidade como um incentivo às condições de trabalho que são vivenciadas pelos profissionais desse setor, tornando o setor de turismo mais competitivo e reforçando a precarização do trabalho para aqueles que vivem do turismo.

Seguem alguns trechos, para exemplificar as reflexões:

Adriano:“(...) eu acho que são coisas que vêm acontecendo e vêm piorando ao longo do tempo.Tem também número maior de agências, a quantidade de carros aumentou muito, né, hoje em dia(...), hoje em dia não, se você for lá em cima, naquela parte da feirinha da Beira-Mar, você vai ver que tem carros ali que tem trinta, vinte vendedores, tá entendendo?”

Dimas : “A fatia de mercado que a gente pega é muito pequena em relação ao volume dos turistas que vêm a Fortaleza, muito pequena. (...)essas grandes operadoras têm muito poder. Poder econômico é muito forte. (...)o problema é que agente percebe que no decorrer dos anos o nosso trabalho tem diminuído ano a ano, pela própria estrutura de algumas agências que têm aumentado, a agressividade com que grandes operadoras tem entrado no mercado, né, por que agente sofre uma censura muito grande ...”

Mauricio : “ A Secretária de Turismo ela não trabalha nessa área , ela quer desenvolver o Estado do Ceará de outra forma, não é, falando que existem vans, táxis.”

O crescimento do setor informal na realidade vivenciada pelo grupo em estudo pôde ser evidenciado pela fala dos trabalhadores no relato sobre o ingresso destes no setor informal e sua trajetória. Antes de ingressarem no setor informal, a maioria procurou uma colocação no setor formal, como citado anteriormente, no tópico do indicador - desemprego estrutural. Como não obtiveram sucesso, passaram a fazer parte de um grande contingente de trabalhadores nas mesma condições, migrando para o setor informal por falta de oportunidade. Percebe-se que a cada ano o ingresso neste setor aumenta. Segundo o grupo, “entra mais do que sai”,

contribuindo assim para maior concorrência e, como conseqüência o agravamento da precarização.

O quinto indicador exposto é a competitividade / concorrência que, dentro da realidade de trabalho do grupo pesquisado, se apresenta como intenso e progressivo ao longo do tempo, com a ampliação do setor de serviços e o crescimento do setor informal, em parte causado pelo desemprego estrutural, atrai para este setor específico do turismo um número cada vez maior de profissionais e de empresas que concorrem pelo mesmo “espaço”, dificultando a “sobrevivência” destes profissionais a cada ano que se passa, contribuindo para intensificação de uma corrida pelas melhores fatias do mercado e utilizando-se muitas vezes de estratégias alternativas para aí se manter. Por exemplo, a entrada de vendedores externos, contribuiu para uma complexidade cada vez maior do grupo estudado, pois além das empresas de turismo, agências de turismo, já existentes, e como a entrada de outras, alguns dos operadores que optaram por trabalhar com vendedores externos passaram a fazer parte de outra classe, como se fosse outro segmento que entrou no mercado como mais um tipo de concorrente.

Citamos alguns trechos das entrevistas para justificar as afirmações:

Dimas : “(...) essa nossa forma de trabalhar e uma forma que além de ser muito cansativa, agente fica muito a mercê, da grande concorrência que há (...), hoje as agências são bem estruturadas, tem vários micro ônibus (...),então essa atividade já tem ficado mais difícil, a remuneração tem caído ano a ano...”

Emílio:“(...)quando eu comecei a trabalhar aqui faz seis anos atrás, cada um se sentava, eu com minha ex-mulher perto do carro e quando vinha um turista que vinha perguntar alguma coisa aí chegava se levantava, atendia essa pessoa e aí agendava, hoje em dia você não pode fazer isso, hoje em dia se eu fico sentado aqui não agendo nada, então por que, o pessoal já estar abordando ele lá na frente, e o turista quando chega aqui e quando vê uma

van passa lá na frente dos bancos, eu não vou até lá pra abordar ele , às vezes eu não agendo nada...”

Carlos: “(...) dificultando cada dia mais, por que, esses carros grandes, eles precisam de muita gente para encher, para viajar, quando eles têm digamos, como eles cabem até 24 pessoas, quando eles têm já 10, então eles procuram encher o carro e fazem qualquer preço, só pra levar, aí agente fica sempre parado, faz um “serviçozinho” “menorzinho”, até, às vezes, serviço que táxi podia fazer, agente se mete a fazer pra poder não ficar tão esperando aquele, glorioso dia de pegar um grupo maior.”

O sexto indicador apresentado é a presença do desemprego estrutural, que aparece na realidade do grupo de modo muito próximo, pois muitos dos trabalhadores estudados estão exercendo atualmente a atividade de operador de transporte de turismo como “alternativa” diante do desemprego, haja vista que muitos vieram do setor formal da economia e não conseguiram uma recolocação no mercado de trabalho, na área em que trabalhavam, sem poder manter o padrão de vida que tinham. Alguns ficaram um certo tempo à procura de nova oportunidade de trabalho no setor formal e, quando perceberam que não seria possível, partiram para o setor informal, passando a vivenciar nova realidade, acompanhada de um cenário precário, cuja remuneração é bem abaixo daquela recebida anteriormente, quando trabalhavam no mercado formal - afora as condições de trabalho, considerando a instabilidade e a subproletarização, pois alguns têm graduação em áreas diversas. Para Antunes (2003), dentre as transformações ocorrentes no mundo do trabalho, a expansão (jamais vista antes) do desemprego estrutural que atinge o mundo de forma global faz aumentar “o subproletariado, o trabalho precário e o assalariado no setor de serviços”.(P- 50).

Citamos alguns trechos das entrevistas:

Dimas: “(...) ao chegar em Fortaleza percebi a grande dificuldade, né, da gente conseguir um emprego na minha área (...) primeiro você tenta na sua área

(...) agente procura se manter na atividade.(...) Entrei no turismo mesmo por falta de oportunidade na minha área.”

Maurício: “ (...) é na faixa salarial igual e não consegue, aí você fica, o que , um ano, dois anos, três anos parado, né , aí o dinheiro que você recebe , foi que você recebeu da indenização, o dinheiro começa a ir embora, aí você tem que partir pra parte informal, né. Tem que fazer alguma coisa. (...), eu acho que isso acontece com a maioria dos brasileiros, certo, principalmente quando, ele está na faixa dos quarenta anos, aí ele perdendo o emprego de estabilidade é difícil ele entrar em outro.”

Eduardo: “ O que eu ganhava no banco não tinha como eu achar em outro banco e ganhar nem um terço do que eu ganhava. (...) Trabalhava no banco estadual, pra entrar num banco particular, quando eu sai do banco eu ganha 20 salários.”

O sétimo indicador se faz presente através da mídia e a procura de novos nichos de mercado, aparecendo na realidade deste grupo estudado como a influência que a propaganda teve sob as decisões de escolha do setor de turismo como opção para enfrentar, em muitos casos, a situação de desemprego em que estavam estes trabalhadores. Na tentativa de encontrar uma “saída” para as dificuldades no campo do trabalho, a propaganda do Estado sobre o potencial do setor de turismo contribuiu para geração de uma expectativa de encontrar um novo nicho de mercado, a principio, promissor, pois o que se apresentava - e isso continua ocorrendo - era uma valorização do setor de turismo, exposto pela mídia em geral como um espaço de crescimento e oportunidade de trabalho. Observamos na fala dos trabalhadores que esta parcela de contribuição para o ingresso no setor de turismo foi significativa. Existindo o reforço da mídia do que foi denominado como “empreendedorismo”, associado a um nicho de mercado vendido como promissor, os profissionais tinham razões suficientemente lógicas para “investir” nesse ramo, mascarando, assim, a precarização laboral constantemente. Após um tempo considerável na

atividade em que se encontram, destacam que as expectativas de sucesso, não se materializaram como o esperado.

Destacamos alguns trechos das entrevistas, a fim de ilustrar as reflexões a pouco esposadas:

Maurício: *“Eu acho que estou fazendo parte de milhões de brasileiros, né, que está crescendo cada vez mais,(...) o informal passa a ser um empresário, pequeno empresário desde de que ele faça o trabalho certo, né.(...) Fica desleal, ai vem as empresas ai , os órgãos e dizem assim, vamos trabalhar em cima do empreendedorismo, né , mas qual o empreendedorismo que eles acham? É , furada, entendeu? É, não existe isso não.”*

Carlos: *“Foram os marketing na televisão, do turismo, aí eu comecei a mim interessar, comecei a pagar um consórcio de um carro aí optei por uma van por causa dessa possibilidade de eu chegar até aqui. Na avenida Beira-mar e começar a trabalhar também, nesse serviço.(...) propaganda do turismo, eu achei que podia pegar uma fatia.”*

Na categoria os efeitos da precarização sobre a subjetividade do trabalhador, destacamos quatro indicadores, apresentados a seguir.

Encontramos na realidade do grupo pesquisado uma tendência ao individualismo, ou seja, uma dificuldade de articular-se como grupo. Trabalha cada um por si, sem uma preocupação demonstrada pelo outro, como se não precisassem de nenhum tipo de apoio do colega de trabalho. Observamos que algumas ações são resolvidas em reuniões de grupo e, quando levadas para a prática de seu dia-a-dia, alguns não cumprem com o que foi acordado por consenso. Por exemplo, acertam que o “tarifário” será de um determinado valor e alguns praticam outro inferior, desfazendo um acordo grupal, em cumprimento de uma necessidade individual, desrespeitando o grupo e intensificando a individualidade, chegando até mesmo a falta de ética e compromisso coletivo. Apresentam dificuldade de compartilhar seus problemas com o

outro, ficando cada um submerso nos próprios problemas, muitas vezes comuns ao grupo, porém, sendo vivenciados isoladamente, distanciando, dessa forma, a possibilidade de resoluções que poderiam ser de benefício comum. Foi exposta em alguns momentos, pelos componentes da pesquisa, a falta de confiança mútua entre os profissionais. Como expressa Bauman (2001), a presença da incerteza constante produz a falta de confiança, tendo como resultado uma agonia sem fim e uma ansiedade permanente. O reforço constante da idéia de que cada um é responsável individualmente pelos seus sucessos e fracassos, independentemente das condições socioeconômicas, tende a contribuir para a exacerbação do individualismo. Para Bauman (2001) “... já sabemos que depende de nós mesmos fazer (e continuar a fazer) o melhor possível de nossas vidas; e como também sabemos que quaisquer recursos requeridos por tal empreendimento só podem ser procurados e encontrados entre nossas próprias habilidades, coragem e determinação, é vital saber como agem outras pessoas diante de desafios semelhantes.” (P. 81).

Alguns trechos das entrevistas são citados a seguir:

Dimas : *“nós temos nosso tarifário, mas cada um tem sua dificuldade, se o colega quer conseguir um agendamento melhor, ele automaticamente vai trabalhar com um preço inferior ao tarifado (...) o grupo está um bocado dividido, tem uns colegas que têm uma ambição muito grande... e resumindo agente tem muita dificuldade de trabalhar em grupo aqui”.*

Carlos: *“(...) é uma divisão grande aqui, é cada um por si.”*

Maurício: *“Então você tem que , sempre tá procurando fazer, o que você faça o seu lado, dê certo , pra que você não precise de ninguém”.*

Emílio: *“Tem pessoas que passam fome e não dizem a ninguém , tem pessoas com problemas serio e não comentam a ninguém.”*

A competitividade no setor de trabalho em que o grupo pesquisado está inserido – outro indicador - pôde ser verificada como intensa, colaborando de certo modo para a efetivação de estratégias de sobrevivência que muitas vezes podem causar desde o medo de compartilhar com colegas, até mesmo a falta de ética entre eles. A competitividade vai desde aquela inerente ao próprio grupo, de profissional para profissional, e aquela entre os profissionais autônomos e agências, ou seja, empresas que dividem o mesmo espaço de trabalho. Existindo assim uma concorrência desigual, entre uma empresa, com sua estrutura e poder econômico como profissionais autônomos, vivenciam uma constante insegurança, pois, além da concorrência em si, têm que lidar com as formas encontradas pelas empresas de tentarem ganhar mercado, que usam muitas vezes de estratégias inapropriadas, ou seja, tentam denegrir a imagem dos profissionais autônomos diante de possíveis clientes. Parece difícil conseguirem a ajuda mútua no atual contexto, pois hoje a moeda mais valorizada é o dinheiro; a amizade, a reciprocidade, a solidariedade e cooperação, que eram “bens” mais presentes há certo tempo dentro do grupo, atualmente exaure rápida, contribuindo assim para um crescente isolamento, gerando a falta de apoio e, conseqüentemente, trazendo a insegurança.

Algumas passagens das entrevistas são citadas:

Maurício: “ (...)operadora que nos trouxe disse do aeroporto pra cá, não peguem as vans da Beira-mar que elas são piratas, aí eu falei pra ela : olha negativo, por que nós trabalhamos com a autorização do ministério do turismo. Por eles querem monopolizar, querem ser os donos de tudo, as operadoras maiores, né , além de trazerem os turistas até o hotel , querem fazer os passeios na praia com eles”.

Dimas: “ (...)por que agente sofre uma censura muito grande ... das grandes agências por que os próprios guias quando estão efetuando a venda depreciam muito o nosso trabalho (...) Pra convencer o turista, começam a falar que nós somos irresponsáveis, que alguns bebem , no sei que (...)já

tivemos conversando com alguns turistas aqui e que disseram que: rapaz os guias falam muito mal de vocês, fala muito mal de vocês...”

A dificuldade de uma mobilização coletiva aparece como outro indicador presente na realidade dos profissionais que fizeram parte da pesquisa, visto que a realidade laboral destes está permeada pela grande dificuldade de conseguirem qualquer tipo de mobilização dentro de sua categoria. Existem algumas tentativas, contudo, sem sucesso, como a Associação dos Operadores de Turismo da Beira-mar – AMAR, que tem aproximadamente dois anos e encontra-se desarticulada, pois não conseguem fazer reuniões que sejam produtivas, ou seja, muitos não comparecem, outros vão com intentos apenas individualistas, acordos não cumpridos, ações que ficam no meio do caminho, além da constante descrença de alguns profissionais sobre a efetivação de uma Associação, ficando literalmente à margem até mesmo das tentativas, mesmo que frustradas, de alguns. Isso facilita a entrada de agências em seu território, aumentando a concorrência e dificultando a condição de pleitear melhorias para a categoria naquilo que cabe aos órgãos reguladores das atividades de turismo no Estado e no Município de Fortaleza e diante dos clientes. Ao fazerem uma avaliação sobre a categoria em que estão inseridos, consideram-se como uma categoria desunida, embora em muitos momentos fique evidente o desejo, mesmo que sem esperança, da união e fortalecimento do grupo, porém, no momento, talvez não saibam qual o caminho a seguir, a fim de atingir esse intento.

A seguir alguns trechos das entrevistas são citados:

Dimas: “Se pensou em montar uma agência, mas eu sempre percebi que nós não estávamos devidamente organizados, nem estamos, né. E nunca eu percebi nos colegas, essa preocupação de trabalhar em parceria, comprometimento do colega com o outro, né, eu nunca percebi isso(...) Mas de um tempo pra cá eu tenho esfriado um pouco,(...) a própria indiferença e frieza dos colegas fez com que eu mim retraísse, por que não percebi nos colegas o comprometimento com a Associação, vamos lá, vamos batalhar, geralmente eu ia só pra essas reuniões, um ou outro colega é que ia comigo, eu sempre mim

senti muito sozinho nessas lutas, né, e tudo isso vai fazendo com que agente fique um pouco machucado”.

Emílio: “(...) eu gostaria muito que nos organizemos e comecemos a trabalhar direito, principalmente aqui que temos colegas que não estão trabalhando direito e tá prejudicando muito a nós, que nos podemos perder esse lugar aqui, se não entrarmos na linha, com tudo isso fico muito preocupado e eu trato de colaborar, de fazer as coisas com eles, chega o momento também que eu mim canso e..”.

Maurício: “é uma coisa que nunca vai acontecer, que muita gente sonha aqui, é a união da categoria, que é muito difícil, existir uma união entre essa categoria (...)Agente dá brecha, agente não se une, não se organiza.”

O indicador falta de condições de criar uma narrativa de vida linear/ Imediatismo pôde ser verificado no contexto laboral dos participantes do estudo, por estarem imersos numa realidade instável na qual se torna difícil ou até mesmo impossível se traçar uma narrativa de vida linear , ou seja, há uma dificuldade de planejar o futuro. Assim, o imediatismo é ressaltado e valorizado. Ações que precisem de investimentos materiais e emocionais a médio e a longo prazo não são trabalhadas, não pelo menos no que se refere ao movimento em busca disso, pois, na realidade de trabalho em que vivem não podem planejar o amanhã. Trabalham e vivem somente o hoje; o amanhã é incerto demais para se fazer planos. Algumas atitudes tomadas por determinados profissionais do grupo servem somente ao presente; algumas podem até prejudicá-los a médio e a longo prazo, como profissionais, e mesmo suas imagens diante de clientes, como, por exemplo: alguns trabalhadores, talvez pela ânsia e necessidade de vender seus serviços, estão abordando os clientes (turistas) de modo inoportuno e algumas vezes invadindo a privacidade destes, deixando-os incomodados. A reação de muitos turistas é de passar bem longe dos trechos onde os veículos estão estacionados. Esta atitude pode ser uma tentativa de não serem abordados com tamanhas freqüência e intensidade. Assim, os profissionais de um modo geral podem ser malvistas por uma parcela de

turistas que freqüentam a Beira-mar, trazendo como consequência a diminuição do fluxo de turistas interessados em fazer passeios e a diminuição de trabalho para estes grupo.

Sennet (1999) expressa que “Imaginar uma vida de impulsos momentâneos, de ações a curto prazo, despida de rotinas sustentáveis, uma vida sem hábitos, é imaginar na verdade uma existência irracional”. (P.50). Fica o questionamento: como podem pensar e agir voltados para o futuro se o real mostra a cada dia que este futuro pode nem existir? Desse modo, sua narrativa de vida tende a ficar comprometida, sua identidade e expectativas, tanto profissionais como pessoais, ficam à deriva, sem rumo nem propósito. Para Sennet (1999), o capitalismo de curto prazo corrói o caráter e aquelas qualidades que ligam os seres humanos entre si. Em alguns casos aqueles comportamentos que trazem sucesso no trabalho, corroem a confiança, o compromisso mútua e a lealdade, características inerentes a seres humanos e necessárias para um bem-estar.

Alguns trechos das entrevistas são destacados:

Dimas: “ (...) *eu ainda não estou convencido não, eu acho realmente que eu estou só emprestado pro turismo, temporariamente, apesar de já está com alguns anos, mas já a uns três a quatro anos que eu venho ... já era até pra ter decidido por que é uma remuneração muito baixa, né, ano a ano agente sente dificuldade de pagar as contas e tudo.*”

Adriano: “ *O cara vendendo de tudo que é jeito, de tudo que é forma, tá entendendo, às vezes, nem...muitos...*”

Emílio: “(...) *então você vai ter que fazer as coisas, comprar as coisas pra carro , levar pra oficina, comprar um som novo, negócio é quando você já está com dinheiro, você não sabe se vai ser hoje ou amanhã ou daqui a dez dias ou..*”.

Na categoria, processo de estresse, a exposição constante e prolongada a fatores estressantes são apontados como indicadores.

Alguns fatores de estresse foram identificados na realidade laboral do grupo pesquisado. Aqueles que se apresentaram de modo mais acentuado são discutidos.

A superficialidade nos relacionamentos profissionais / medo de expressar autenticidade de sentimentos para a própria coletividade (profissionais da área) é um dos fatores que contribuem para o estresse vivenciado por estes trabalhadores. O fato de não poderem compartilhar, expressar o que sentem, pelo medo de expor-se e mostrar suas fragilidades (ser humano) tende a produzir sofrimento. Essas dificuldades foram apresentadas pelo grupo estudado constantemente na sua fala e nas atitudes.

A seguir dois trechos das entrevistas:

Maurício: *“Então você tem que , sempre tá procurando fazer, o que você faça o seu lado, dê certo , pra que você não precise de ninguém”.*

Dimas: *“ (...) estou ficando um pouco cansado estou quase que desistindo de... mim empenhar mais pra tentar unir os colegas.”*

A instabilidade profissional, presente em aspectos como a dificuldade de manter um rendimento (remuneração) médio /mês, apresentou-se como um fator de estresse, pois, segundo o grupo pesquisado, não podem programar seu consumo, tanto pessoal como profissional. É difícil organizar-se para comprar equipamentos para seus veículos, mantê-los adequados e ter despesas extras que possam vir a surgir. É complicado manter dispêndios fixos, quando se tem remuneração apenas variável. Outro fator que contribui para a instabilidade profissional é o fato de que o fluxo do seu trabalho depende de determinadas épocas do ano; existe a sazonalidade no

setor de turismo, que afeta diretamente estes trabalhadores, reforçando a instabilidade vivenciada por eles. Como relatado anteriormente, há meses em que há muito trabalho, enquanto em outros há significativa escassez de turistas, na chamada baixa estação. Como o volume maior de trabalho destes profissionais advém do turismo, este período passa a ser considerado como difícil para eles, tendo, assim, influência nos aspectos temporais do trabalho, pois tendem a ficar muito tempo “sem trabalhar”. Quando o grupo se refere à expressão, *muito tempo “sem trabalhar”*, o significado dado por eles é referente ao tempo em que não pegam passeios, pois, na realidade trabalham todos os dias em busca de fechar os passeios, ou seja, na venda, porém, como não conseguem o fechamento dessa venda, conseqüentemente, não recebem nenhuma remuneração por isto. Percebem-se, então, como se não estivessem trabalhando.

Seguem alguns trechos da entrevistas:

Aroldo: *“ O que mais mim estressa é a falta de serviço que não tem.(...) são os piores meses do ano. Isso aí para nós parece que é eterno, dificulta muito.”*

Emílio: *“Quando eu estou estressado (...)é tudo um problema financeiro , e não é financeiro de que eu estou devendo e não vou poder pagar, que vou preso, que... o problema é que você quer ficar em dia com seus compromissos , aí você ver que não vai chegar esse dia, vai ter que esperar pra outro dia pra cumprir seu compromisso, e fico chateado com isso.*

Carlos: *“Pela ociosidade, é muito tempo sem fazer nada.(...) agente trabalha sem reserva, então às vezes, agente se sente um bocado...”*

A sobrecarga de trabalho pôde ser verificada na realidade do grupo estudado, tanto no aspecto quantitativo como no qualitativo. Com relação aos aspectos quantitativos, observamos que, como estes profissionais desempenham seu trabalho de modo polivalente, ou seja, são ao mesmo tempo motoristas, vendedores e guias turísticos, tendem a acumular

tarefas, de modo a ficar sobrecarregados de atividades, juntamente com a carga horária de trabalho, que é extensa, de 12 a 14 horas diárias, de domingo a domingo. Vivenciam momentos de baixa utilidade laboral, na baixa estação, principalmente, quando não conseguem fechar os passeios. Quando falamos dos aspectos qualitativos, estamos fazendo referência à complexidade das atividades desenvolvidas pelos trabalhadores deste grupo, e o envolvimento emocional apresentado por eles, pois o resultado final do seu trabalho depende, única e exclusivamente, da capacidade de cada um lidar com as situações muitas vezes adversas, impostas pelo tipo e condições de trabalho que realizam, uma vez que adotam atitudes cada vez mais individualistas. É relatado pelo grupo o fato de se achar igualmente estressados em momentos de muito trabalho, assim também quando passam pelo período de escassez.

Alguns trechos das entrevistas são citados:

Adriano: *“Existe, existe, por que você fecha um serviço aqui, ou vários serviços, vamos dizer assim, aí você tem que arrumar carro, você tem que fechar o horário, você não pode esquecer de ninguém, não. Então gera, com certeza, gera estresse sim.”*

Aroldo: *“estressante eu digo assim, quando você pega muito serviço você fica estressado de cansado, e quando você fica sem trabalhar você fica estressado por que você não pegou serviço. Como agora, estresse porque tem as contas para pagar, você fica pensando, aí você se estressa.”*

O setor de turismo, assim como muitos outros, está passando por uma crise econômica estrutural, ou seja, não se trata de uma crise momentânea, mas sim estrutural, de ampla complexidade e abrangência mundial. Desse modo os trabalhadores do grupo pesquisado vivenciam a cada dia as dificuldades advindas dessa crise. Observam que, a cada dia que se passa, as dificuldades aumentam no setor em que atuam, em diversos aspectos, tais como: competitividade, entre iguais, pelo crescimento do setor informal, migram cada vez mais profissionais para o turismo, e entre

empresas e autônomos, ou seja, de modo desigual; exigências de maior qualificação dos profissionais que atuam no setor de turismo, sem condição apropriada para isso; e exigências tecnológicas, sem um incentivo fiscal para adquirir veículos mais novos e que acompanhem a demanda de mercado. Tudo contribui como fator estressantes, causando desconforto, angústia e insegurança ao trabalhador.

A seguir destacamos alguns trechos das entrevistas:

Eduardo: *“o trabalho da gente aqui é um trabalho muito arcaico, ainda de ... é de, não tem renovação, você chega aqui coloca esses cartazes nos carros, é uma coisa que está acabando, agente tá aqui achando que de uma hora pra outra pode acabar isso aqui, entendeu?”*

Dimas: *“(...)há uns anos atrás , três, quatro anos até que a remuneração não era ruim não , sempre tinha trabalho e tudo, mas desses anos pra cá ... tô sentido dificuldade, sabe.”*

A competitividade / concorrência foi considerada por eles fator muito estressante. A dificuldade de captação de clientes, termo utilizado por eles, causa muito estresse. Esta concorrência aumenta a cada dia, como já discorrido, contribuindo para uma exposição mais constante deste fato estressor. Alguns, com o intuito de conseguir vender seu serviço, tendem a uma abordagem mais agressiva, e outros a uma certa paralisação diante da grande concorrência, fato que produz estresse. A insegurança em conseguir trabalho é constante. Além do fato da alta concorrência em si, precisam lidar com a falta de ética e de respeito, que aparece na realidade de trabalho desta categoria, ou seja, comentários desrespeitosos são ditos para os clientes, a fim de ganhar a concorrência, fato que intensifica o de estresse.

Alguns trechos das entrevistas foram selecionados:

Eduardo: “*É captação, é o estresse da captação de turista, hoje existe uma concorrência muito grande, desleal aqui na praia.*”

Adriano: “*(...) a captação ser o estresse maior (...) coisas mirabolantes (risos), e deixa você estressado, eu mim estresso muito com isso.*”

Na categoria, estratégias de *coping* (enfrentamento) – formas de lidar com o estresse, encontramos os indicadores apresentados a seguir.

Verificamos que as estratégias de *coping* utilizadas pelos profissionais autônomos estudados encontram-se divididas entre aquelas focadas no problema e na emoção, segundo o referencial de Folkman e Lazarus (1986). Apresentaremos, inicialmente, aquelas estratégias identificadas como focadas na emoção: fuga e esquiva, afastamento, reavaliação positiva. A busca de apoio social discutiremos à parte, pois pertence tanto àquelas focadas na emoção quanto no problema.

Segundo Folkman e Lazarus (1986) as pessoas tendem a utilizar as estratégias focadas na emoção quando avaliam que pouco ou nada podem fazer para mudar a situação estressante. Assim, tentam utilizar condutas que tenham a condição de modificar o significado dos acontecimentos, podendo desenvolver estratégias que minimizem o sentimento de angústia, ou seja, tentam regular as respostas emocionais que o problema causa. Dentro desse enfoque, observamos que tanto o afastamento como a fuga e esquiva são utilizados pelo grupo pesquisado como forma de não pensar no estressor. Desse modo, as ações realizadas pelo grupo detectadas em suas falas foram: não pensar no problema; deixar que o tempo resolva; dormir longas horas e distrair-se para esquecer. Observamos em alguns momentos que fazem uso da estratégia de afastamento como forma de tentar relaxar, manejar o estado emocional, ou seja, acalmar-se, para depois dar prosseguimento à próxima estratégia, que é focada no problema, caminhando para sua resolução ou em busca de apoio social. Relativamente à reavaliação

positiva, observamos que é pouco utilizada pelo grupo estudado. Em alguns momentos, pudemos verificar sua presença em ações como tentar ver as coisas de uma outra forma, ou ver o lado positivo diante da situação estressante que está vivenciando.

Alguns trechos das entrevistas são citados:

Carlos: “ (...) *mim distrair um pouquinho, vou a praia sozinho, mesmo sem turista, escuto música, leio alguma coisa, eu dou um disfarce! Dá uma mascarada, nas coisas, não é se enganando não, é só pra sair daquilo.(...) tenta dá assim um disfarce da preocupação até aparecer um serviço, e vai passando e o tempo cura todo*”.

Emílio: “(...) *prefiro ficar sozinho aí eu durmo e durmo 12 ou 14 horas , pronto, aí acordo bem e continuo na batalha*”.

Eduardo: “(...) *eu procuro sempre evitar de confrontar, hoje em dia qualquer “raivinha” que eu tenha a pressão sobe logo, eu procuro sair fora.*”

Adriano: “*Com certeza, com certeza, por que eu acho que nada é de graça (risos) , tá entendendo, por que se está acontecendo aquela coisa estressante, aquela coisa assim, você tem que procurar o lado bom para poder resolver, por que, se não...*”

Para Folkman e Lazarus (1986), quando a pessoa avalia a situação estressante com a possibilidade de resolução, tende a utilizar estratégias de *coping* focadas no problema. Com esta concepção, observamos que estratégias como confronto, resolução de problemas, autocontrole e aceitação de responsabilidades são utilizadas pelo grupo estudado. O confronto pôde ser visto através das expressões dos participantes do grupo, ao explicitarem que, quando se deparam com situações-problemas em seus trabalhos, enfrentam diretamente a pessoa que causa o problema, em alguns momentos, de modo agressivo; usam atitudes de tipo falar aquilo que acha que tem que falar, a fim de tentar resolver o

problema, mesmo que a outra parte não aceite, sem uma preocupação em expressar-se de forma amena.

A seguir um trecho das entrevistas:

Adriano: “ (...) de falar as coisas demais e soltar na bucha, tá entendendo, eu acho que eu sou ainda um pouquinho...ainda (...)na hora eu acabo soltando logo na bucha, eu tento ou não razão, nem sei. Mas eu acabo soltando”.

Dimas: “ (...)quando surge um obstáculo podando frente, a gente tem que tentar solucioná-lo, né, quando é um colega que entra em contato diretamente agente se aproxima e fala diretamente com o colega.”

Quando optam por utilizar a estratégia de resolução de problemas, tendem a analisar a situação, antes de partir para a ação propriamente dita, podendo esta estratégia ser ou não antecipada por uma estratégia focada na emoção. Quando utilizam uma estratégia focada na emoção do tipo afastamento, o objetivo é tentar acalmar-se para poder analisar a situação de modo mais racional. Não estando assim tão emocionalmente envolvidos, crêem que assim podem resolver o problema de modo mais eficiente e com a possibilidade de obter melhores resultados.

A seguir trecho de uma entrevista:

Dimas: “(...)situações mais adversas, agente fica maio exaltado, fica meio chateado, e depois, acho que agente se controla, né, mais numa situação de estresse, às vezes, agente... eu ... tento mim afastar, se eu poder eu tento relaxar, eu vou, saio com alguns colegas pra tomar uma cervejinha, né, saio pra uma praia, ou mesmo vou pra fazenda assim relaxar porque, agente se desliga totalmente,né, do problema, né, analisa mais friamente o problema, de cabeça mais fria.”

Já com relação à estratégia de autocontrole, podemos observar sua utilização pela fala de alguns participantes do grupo estudado, como forma de resolver sozinhos a situação avaliada como estressante, sem

compartilhar com outras pessoas sobre as dificuldades vivenciadas, crendo em seus recursos pessoais.

Ao observar a utilização do autocontrole como estratégia de *coping* focado no problema constatamos que seu uso se faz presente em algumas situações, porém, de modo restrito. Assim, verificamos na fala dos participantes atitudes como: não compartilhar as situações estressantes com outras pessoas e procurar acalmar-se.

Emilio: “ (...) *eu trato de fazer o possível pra eu solucionar sozinho. E se já não está dentro de meu alcance de solucionar aí eu recorro a alguma outra pessoa.*”

A utilização da estratégia de aceitação de responsabilidade foi considerada escassa, tendo como referência as declarações do grupo estudado, pois demonstraram certa dificuldade de aceitar suas responsabilidades diante dos problemas vivenciados e que são avaliados como estressantes, tendendo a uma visão mais ampla das possíveis causas fora de sua responsabilidade, ou seja, no contexto externo, tendência esta que pode dificultar em algum momento as resoluções, pois podem deixar de ver alternativas de lidar com a situação-problema, ações que venham a depender mais diretamente de cada um ou do próprio grupo. Alguns profissionais, ao avaliarem as estratégias encontradas por outros profissionais da área, a fim de lidarem com certas dificuldades, tendem a não perceber tais saídas como positivas, ao contrário, são tendentes a ver como ameaça a sua condição de trabalho atual.

Um trecho das entrevistas foi destacado:

Aroldo: “ (...) *a maior parte dos problemas são de fora mesmo, por exemplo: eu analiso assim, se eu não estou trabalhando muito agora, isso aí é normal, todos os anos, pode se preparar que vai acontecer isso.*”

A presença da busca de apoio social como estratégia de *coping* pode ser observada na fala do grupo pesquisado como muito utilizada, ou seja, é a estratégia que mais se destacou em relação às já citadas. Fazem uso do apoio social, utilizando-a tanto como uma estratégia focada na emoção como focada no problema. Quando na emoção, tendem a utilizar os contatos sociais como forma de relaxamento ou de alívio por compartilhar com alguém seus problemas. Assim, atitudes como sair para conversar com os colegas, passear com a família, brincar com os filhos, conversar com alguém, divertir-se com os colegas e ou familiares, tendo como principal objetivo diminuir a tensão causada pelo problema, são as formas mais usadas para lidar com as reações emocionais causadas pela situação estressante. Já quando optam por usar o apoio social como estratégia focada no problema, buscam em seus contatos apoio do tipo instrumental (recursos materiais, como dinheiro, por exemplo, ou apoio técnico de alguém conhecedor do assunto em foco). Dentro da realidade do grupo estudado, uma observação se faz interessante - a de que o apoio social acontece predominantemente no interior do círculo familiar de cada profissional, ou seja, expressam com clareza que preferem não compartilhar com os colegas de trabalho, não sentem segurança, podendo ser evidenciado o desconforto, apresentando neste caso uma coerência com a realidade vivenciada no contexto de trabalho no qual estão inseridos, pois vivenciam um processo de instabilidade, insegurança, concorrência e outros, que tendem a distanciar os profissionais desta área entre si, evidenciando-se os efeitos da precarização do trabalho sobre o sujeito.

Alguns trechos das entrevistas são citados:

Carlos: *“(...) às vezes sim, às vezes não vale a pena, é mais com a esposa com os filhos. Por que realmente, aqui por exemplo está todo mundo querendo levar o mesmo pedaço, então eles talvez não vão ter nada a falar, por que estão atrás também, né, e às vezes você fica se expondo muito, a sua vida particular, e é melhor você curtir isso é com a sua real amizade que é a família.”*

Aroldo:” Como eu já falei...é família. Isso aí, eu sou uma pessoa muito família...é só com eles, com gente de fora, eu não....amigo assim...deixa eu ver....é difícil, eu chegar pro amigo e falar.”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar o processo de precarização laboral e, com arrimo neste, as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos profissionais autônomos da área de transporte de turismo, no desempenho de suas atividades. Nosso procedimento obedeceu a: (a) averiguação da existência de estresse dos profissionais autônomos, no exercício do seu trabalho; (b) investigação dos fatores que causam / levam ao estresse no contexto de trabalho desses profissionais; e (c) identificação das várias formas de enfrentamento e análise e associação dessas formas à precarização laboral.

Por meio dos resultados encontrados na investigação, verificamos que foram apresentados indícios de que o processo, caracterizado por uma realidade profundamente precária, segundo os parâmetros do mundo laboral vivenciado pelos participantes do estudo, profissionais autônomos (operadores de transporte de turismo), contribui para o surgimento de efeitos danosos sobre a subjetividade destes. Assim, os efeitos mais evidentes em suas falas - como o individualismo/indiferença, a competitividade, a dificuldade de uma mobilização do grupo e a falta de condições de criar uma narrativa de vida linear/ imediatismo - tendem a causar um mal-estar a estes trabalhadores, tanto individualmente como em grupo. Temos, desse modo, a formação de um terreno propício ao desenvolvimento do estresse, reconhecido como fator que afeta o bem-estar laboral destes trabalhadores, podendo tornar-se empecilho para resolução das condições atuais em que o grupo de encontra. Isto porque demonstram vivenciar uma situação de trabalho precária, no entanto, revelam pouca mobilidade, no sentido de tenderem a um movimento que venha a impulsionar um novo rumo à realidade de trabalho atual. Ao analisar conjuntamente os resultados evidenciados pelo Inventário de Sintomas de Stress para Adulto de Lipp (2000), e as atitudes do grupo estudado, foi possível constatar que todos os participantes se encontram

na fase de resistência ao estresse, abordado por Lipp (2000), que tem, entre outras, como característica, a condição de continuar a trabalhar, porém com uma queda em sua produtividade e a sensação de desgaste generalizado, circunstância esta denotada pelos efeitos da precarização sobre o sujeito.

A estratégia de *coping* utilizada pelo grupo estudado, considerada de maior expressão, foi o apoio social, porém, ainda não conseguem ter, sentir e usufruir desse sustentáculo, dentro do seu grupo de trabalho, fato este que contribui negativamente para o fortalecimento do grupo, reforçando sua fragilidade e fragmentação, decorrentes da precarização laboral vivenciada por estes e seus efeitos sobre a subjetividade dos trabalhadores. O apoio social presente na realidade deste grupo está focado dentro do grupo familiar de cada trabalhador. Com o grupo fragilizado e sem uma coesão adequada, fica difícil uma articulação, a fim de obterem condições de trabalho mais favoráveis, como, por exemplo, conseguir com que os órgãos responsáveis pelo turismo no Ceará, tanto no plano municipal de Fortaleza, como estadual, tenham perspectiva diferenciada em relação a este grupo e venham a desenvolver estratégias que viabilizem melhor aproveitamento do potencial de trabalho destes profissionais, como, por exemplo, em períodos de baixa estação, quando se poderia criar opções de trabalho, o que facilitaria a manutenção de um fluxo de renda mais contínuo, minimizando, assim, essa fonte de estresse. Assim reforçamos a importância de ações que podem ser realizadas por políticas públicas, que possam minimizar os efeitos da precarização do trabalho sobre a subjetividade desses trabalhadores, pois como foi discorrido anteriormente, a falta de uma estabilidade, de um fluxo de trabalho constante, prejudica estes profissionais, de modo a causar-lhes estresse continuamente, afetando assim o seu bem-estar físico e psicológico e conseqüentemente reduzindo sua produtividade.

A coesão do grupo apresenta-se como de importância considerável, porém, nesse momento, os resultados mostram que fica difícil a consecução deste intento sozinhos, ou seja, um mediador poderá ser

pensado para facilitar esse processo, pois os profissionais se encontram num momento de tentativa de formação de grupo , contudo, sem êxito até agora.

O método qualitativo de pesquisa pôde nos proporcionar neste estudo melhor visibilidade sobre o fenômeno estudado. A associação feita entre instrumentos diferentes - inventário e entrevista - os dados coletados nas duas etapas do trabalho reforçaram -se mutuamente, contribuindo, assim, para uma articulação entre eles, resultando numa leitura mais ampla.

Mediante o presente estudo, foi possível compreender, mesmo que parcialmente, a realidade vivenciada pelos profissionais autônomos – operadores de transporte de turismo, no exercício de seu trabalho, suas dificuldades as quais contribuem para o surgimento/agravamento do processo de estresse expresso pelo grupo em questão, e como estes tentam lidar como este momento de precarização laboral em uma realidade significativamente ignorada pelos órgãos competentes.

Os órgãos responsáveis pelo setor de turismo, nas esferas federais, estaduais e municipais não podem lidar/tratar o setor apenas de modo a divulgarem nos meios de comunicação o "potencial turístico" existente no Ceará, (ignorando os trabalhadores do setor, em suas necessidades) e "fechar os olhos" e "tampar os ouvidos" para realidade laboral em que vivem boa parte dos profissionais que lidam diretamente com os turistas, tanto estrangeiros como brasileiros, que vêm ao Estado, com expectativas de encontrar desde de belezas naturais até serviços de excelente qualidade, será que as políticas públicas estão contribuindo efetivamente para o atingimento de tais expectativas? Expectativas estas propiciadas em grande parte pela imenso campo de propaganda endereçado ao setor.

Dentre as limitações da pesquisa apontamos como aquelas de maior representatividade: (a) impossibilidade de incluir neste estudo a totalidade dos operadores de transporte de turismo da Beira-Mar, grupo este composto por aproximadamente quarenta trabalhadores, pois teríamos um

recorte da realidade do grupo mais ampla, mas tal dificuldade se constituiu um dado a mais, e pode ser analisada como típica da própria situação precária, evidenciada pela instabilidade e falta de coesão entre os profissionais; (b) impossibilidade de trabalhar os estilos de *coping* apresentados pelos profissionais, pois são fatores que influenciam as estratégias de enfrentamento utilizadas. Estas limitações podem, inclusive abrir portas para futuras investigações.

Desse modo, considerando os resultados do atual estudo, propomos como possibilidade de futuras pesquisas:

- Estender as investigações, a fim de incluir no estudo todos, ou pelo menos a maioria dos participantes do grupo de operadores de transporte de turismo da Beira-Mar.
- Incluir como objetivo de estudo a identificação e análise dos estilos de *coping* como fator que pode contribuir para diferenciar as estratégias de enfrentamento utilizadas individualmente, contribuindo para uma leitura mais ampla da realidade do grupo.
- Ampliar o estudo para outras categorias profissionais, a fim de verificar, outras realidades de trabalho, no contexto informal.
- Trabalhar com um grupo, dentro da realidade do setor informal, que seja composto pelo gênero feminino, a fim de analisar a importância do gênero no processo de precarização do trabalho e as possíveis consequências desta realidade.

Por fim, apesar, das limitações do estudo, este atende aos objetivos propostos e responde à problemática inicial, mesmo que mereça discussões mais aprofundadas e estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. O Futuro do Trabalho. **Revista Política**. Ano V- no. 43 . Rio Janeiro de 2005.

ALVES, M.A., **Setor informal ou trabalho informal?** Uma abordagem crítica sobre o conceito de informalidade. Dissertação . Campinas: IFCH/UNICAMP; 2001.

AQUINO, C.A.B., **Reflexões sobre a precarização laboral:** uma perspectiva da psicologia social. In: II Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2005, São Luís, Universidade Federal do Maranhão , 23 /08/2005 p. 1 a 8.

ANTONIAZZI, A. Scomazzon – DELL’AGLIO, Débora Dalbosco BANDEIRA, Denise Ruschel. O conceito de coping: uma revisão teórica – (UFRS) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Revista de Psicologia** – volume 3, n.2, 2 ed, (p.273 –294), 1998.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 9. Ed., São Paulo, Cortez /Unicamp , 2003.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1993.

ASTORGA, C. M., **Estrés, burnout y mobbing:** recursos y estrategias de afrontamiento. Amarú. Ediciones Salamanca, coleccion psicologia, 2005.

BARDIN, L. , **Análise de conteúdo**, Lisboa, Edições 70, 1977.

BAUMAN,Z. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar,Ed, 2001.

BERESFORD, B.A.” Resources and strategies: how parents cope with the care of a disabled e child”. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 25, 171-209, 1994.

BORGES,L.O., FERREIRA,M. C., MENDES, A. M. (orgs.), **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2002.

BUENDÍA, J. (org), **Estrés laboral y salud**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1998.

CANNON, W., **The wisdom of the body** . New York; Norton, 1932.

CEARÁ, **Estudos Turísticos da SETUR- Evolução do Turismo no Ceará**. João Teles Agostinho. Disponível [on line] www.turismo.ce.gov.br Acesso em 15.09.04.

CODO, W., **Educação** : carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

COOPER, R.A., “Trends in the education and practice of alternative medicine clinicians”. **Health Affairs**, 15, 226-238, 1996.

COSTA, M. S.,” O Sistema de relações de trabalho no Brasil: alguns traços históricos e sua precarização atual”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 20, n.59, 10/2005.

COSTA , Mardônio, CASTRO, Samira,” Mercado Informal no Ceará”. **Diário do Nordeste**, caderno de negócios, Fortaleza,Ceará, 6 de novembro de 2005.

DANTZER, R., Estresse. In: DORON, R., PARONT, F., **Dicionário de Psicologia**, São Paulo; Ática, 316, 1998.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. 4. ed. Tradução de Estela dos Santos Abreu, Gallimard, 1992.

DEJOURS,C. , **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FERNANDES, Isabel e PERÉZ-RAMOS,Aidyl M. de Queiroz. “Estratégias de *coping* dos psicólogos frente ao *stress* no trabalho em hospitais”. **Revista de Psicologia** – Unb. volume 33 n.1. (p.77-96). Jan/Jun, 2002.

FOLKMAN, S., LAZARUS, R.S.,” An analysis of coping in a middle-aged community sample”, **Journal of Health and Social Behavior**, 25, 229-224, 1980.

GAGNEBIN, J.M." Pesquisa empírica em subjetividade e subjetividade da pesquisa empírica". **Psicologia e Ciência**; 13(2): 49-57; jul./set. 2001

GONÇALVES, M. G. M. , AGUIAR, W. M. J. , FURTADO, O. (Org.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**, 2. ed. São Paulo, Editora Cortez, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. , **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**, tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva, São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Economia Informal Urbana -1997**, Rio de Janeiro, v-4, 1999.

FILGUEIRAS, J.C., HIPPERT, M.I., Estresse: possibilidades e Limites. CODO, W. e JACQUES, M. G. (orgs.), **Saúde mental e trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JAKOBSEN, K; MARTINS, R.; DOMBROWSKI; SINGER, P. E POCHMAN, M. – **Mapa do Trabalho Informal** – Col. Brasil Urgente , São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

KURTZ, R. **O Colapso da Modernidade** (Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial), São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LATAACK, J.C. , HAV LOVIC, A.J. "Coping with job stress: a conceptual evaluation framework for coping measures". **Journal of Organizational Behavior**, 13,479-508, 1992.

LAZARUS, R. S., FOLKMAN, S., **Stress, appraisal and coping**. New York: Springer, 1984.

_____. **Estrés y procesos cognitivos**. Barcelona: Martinez, Roca, 1986.

LAZARUS, R. S., "Psychological stress in the workplace", en P. Perrewe ; Job stress, Corte Madera, California , **Select Press**, 1-14, 1991.

LIMA, Julia C. C. “Solidão e Contemporaneidade no Contexto das Classes Trabalhadoras”. **Psicologia Ciência e Profissão**. Ano 21, número – 3 ,p. 52-65, 2001.

LIPP, M. E. N., **Manual do Inventário de Sintomas de Stresse para Adultos de Lipp (ISSL)**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LIPP, M. E. N.,” Estresse emocional: a contribuição de estressores internos e externos”. **Rev. Psiquiatria Clínica**, 28 (6): 341-349,2001.

LORENT, P. A., El “workaholism” como neurosis de autorrealización en el trabajo. In: BUENDÍA, J. (org.) **Estrés laboral y salud**. Madrid, Editora Biblioteca Nueva, 1998.

MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. 6. ed. Tradução de Giasone Rebuá, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, Livro I, vol.1, 1971.

MATOS, O.C.F. **A Escola de Frankfurt: Luzes e Sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, Coleção Logos, 1993.

_____. Theodor Adorno. O filósofo do presente. **Psicologia e Sociedade**. Vol. 13, número, 2 , p. 142- 146 , Editora ABRAPSO,jul/dez. 2001.

MENDES, R.; CAMPOS, A. C. C. “Saúde e Segurança no Trabalho Informal: Desafios e Oportunidades para a Indústria Brasileira”. **Revista Bras. Méd. Trab.**, Belo Horizonte – vol.2- no. 3 –p 209-223, jul-set/2004.

MINAYO, M.C. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**, Suely Ferreira Deslandes Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília Sousa Minayo (Organizadora). Pétropoles: Vozes, 1994.

PARKES, K.R. “Personality and coping as moderator of work stress processes: models, methods and measures. **Work & Stress**, 8 (2), 110- 129,1994.

PARKES, K.R, Estrés, Trabajo y Salud: características laborales, contexto ocupacional y diferencias individuales. In: BUENDÍA, José (org.) **Estrés laboral y salud**. Madrid, Editora Biblioteca Nueva, 1998.

PEIRÓ, J. M., **Desencadenantes del estrés laboral**. Madrid: Pirâmide, 2000.

PINHEIRO, A. Fernanda, TROCOLI, Bartholomeu Torres e TAMAYO ,Mauricio Rabayo . Mensuração de *coping* no ambiente Ocupacional – **Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa** – Unb -volume 19 n.2 maio/agosto (p.153-158), 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. **Pesquisa social: métodos e técnicas** – 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.

RIQUELME, A., BUENDÍA, J., Estrés de la jubilación: efectos psicopatológicos. In:BUENDÍA, J.(org.) **Estrés Laboral y Salud**. Madrid, Editora Biblioteca Nueva, 1998.

SANTED, M.A., SANDÍN, B., CHOROT, El estrés diario desde el marco del modelo transaccional: cuestiones conceptuales y metodológicas. In:BUENDÍA, J.(org.) **Estrés Laboral y Salud**. Madrid, Editora Biblioteca Nueva, 1998.

SANTIAGO,M.O., **Os ex-funcionários do Banco do Brasil e o programa de desligamento voluntário: perfil, razões de adesão e inserção no mercado de trabalho**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

SAVÓIA, M.G, Santana, P.R. & Mejias, N. P, “Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português”. **Revista de Psicologia**, USP, n7-(p.183-201), 1996.

SAVÓIA, M.G. Escala de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (*coping*), **Revista de Psicologia Clínica**, -volume 26- n.2 edição especial,1999.

SELYE, H., **Stress, a tensão da vida**. 2 ed São Paulo: Idrasa, 1959.

SENNET, R., **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução : Marcos Santarrita, Rio de Janeiro: Record, 1999.

SEVERIANO, M. Fátima V. **Análise Psicológica dos Processos Subjetivos da Dominação: Uma Visão Marcuseana das Sociedades Industriais Modernas**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1990.

_____. **Narcisismo e Publicidade: Uma Análise Psicossocial dos Ideais do Consumo na Contemporaneidade**. São Paulo: Editora Annablume, 2001.

STRAUB, R.O, **Psicologia da Saúde**, Trad. Ronaldo Cataldo Costa, Porto Alegre, Artmed, 2005.

STACCIARINI, J. M. R., TRÓCCOLI, B. T., MENDES, A. M. (orgs.) , **Trabalho em transição saúde em risco** , Brasília, Editora: Universidade de Brasília, 2002.
SULS, J., DAVID, J. P., HARVEY, J.H., Personality and Coping: three generation of research, **Journal of Personality**, 64, 711-735,1996.

VAILLANT, G.E.” Ego mechanisms of defense and personality psychopathology”. **Journal of Abnormal Psychology**, 103,44-50,1994.

TAMAYO, Maurício R. & TRÓCOLI, Bartholomeu Tôrres. “Exaustão emocional: relações com a percepção de suporte organizacional e com as estratégias de *coping* no trabalho”. **Revista de Psicologia** - volume 7 n1 (p. 37-46) 2002.

TAPP, J.T. , **Multisystems holistic model of health, stress and coping. Em: stress and coping.** Field, T.M., Mc Cabe, D.M. Scheneiderman (Eds). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1985.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual a profissão (trabalho) que realizava anteriormente?
2. Quais os principais fatores que levam você a optar por trabalhar autônomo?
3. Quais os fatores que dificultam o seu trabalho no dia-a-dia?
4. Como é para você trabalhar no mercado informal?
5. Você acha o seu trabalho estressante? Por quê?
6. Você tem outro trabalho paralelo a este? Qual e por quê?
7. Quando você se encontra numa situação difícil, tende a enfrentar diretamente o problema ou a pessoa que causa problema?
8. Em situações estressantes você tende a afastar-se físico e ou psicologicamente do problema?
9. Como você analisa a sua responsabilidade e participação no contexto do seu trabalho?
10. Quando você se encontra em situações difíceis você tende a compartilhar com alguém? Quem ?
11. Você busca o apoio de outras pessoas quando estar com problemas?
12. Em situações estressantes você tenta ver o significado positivo da realidade vivenciada?
13. De um modo geral, como você lida com as situações de estresse?
14. Quais as ações que você realiza para melhorar o seu bem-estar físico e psicológico no seu trabalho?

